



A Terra Sigillata Hispânica Tardia de Terronha de Pinhovel: O comércio e o Povoamento^a

Ana Patrícia M. M. da SILVA^b

^b Arqueóloga e investigadora

Resumo: O actual e parco estado de conhecimento da *terra sigillata* hispânica tardia no território português, foi um dos principais motivos para a realização deste trabalho. Ele pretende não só estudar um conjunto de *terra sigillata* hispânica tardia do sítio de Terronha de Pinhovel usando-o para interpretar o papel perconizado por um comércio centrado na importação, mas principalmente salientar o valor deste tipo de produção dentro desta categoria cerâmica no Baixo Império romano.

Palavras-chave: *Terra sigillata* hispânica tardia, Terronha de Pinhovel, Baixo-Império,

Abstract: The actual and sparse knowledge of late hispanic *terra sigillata* in Portuguese territory was one of the motivations for this work. This study concerns not only the collection of late hispanic *terra sigillata* from Terronha de Pinhovel as well as it's associated commercial role, but it's also to increase late hispanic *terra sigillata* value inside the studies of late roman pottery.

Key-words: *Terra sigillata* hispânica tardia, Terronha de Pinhovel, Baixo-Império

1. O Sítio Arqueológico de Terronha de Pinhovel no Tempo e no Espaço.

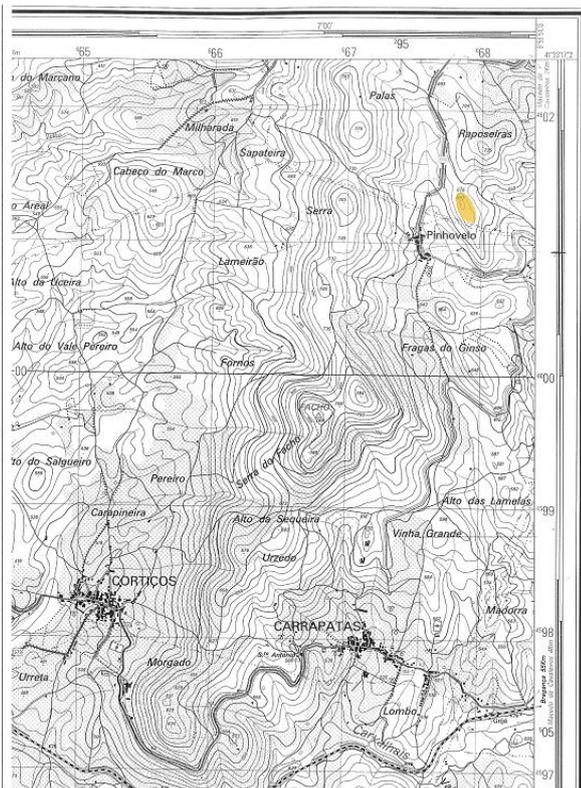


Fig. 1 – Localização de Terronha de Pinhovel.
Retirada da Carta Militar de Portugal, Folha nº77,
escala 1:25 000

1.1. Contextualização Geográfica e Geomorfológica

O sítio arqueológico de Terronha de Pinhovel localiza-se na Freguesia da Amendoeira, Concelho de Macedo de Cavaleiros, Distrito de Bragança, Província de Trás-os-Montes. Este topónimo encontra-se sobre um monte aplanado, que lhe valeu a designação de “Terronha”, sendo Pinhovel a aldeia mais próxima deste local.

Cartograficamente, este monte, que atinge os 693 m de cota na sua elevação máxima, insere-se na Carta Militar de Portugal, na escala 1:25 000, Cortiços (Macedo de Cavaleiros), da folha nº 77, de acordo com as seguintes coordenadas geográficas: Latitude 41° 32'31” e Longitude 02°08'33” (Carvalho et al.,1997, p.128).

Apesar dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no local, ainda não são claros os limites deste povoado. No entanto, observa-se que a elevação em que se encontra Terronha de Pinhovel possui declives pouco acentuados a Norte e a Este, sendo que, naturalmente, esta fraca defensabilidade proporcionada pela geomorfologia local, ditaria novas adaptações ao terreno. É nesta perspectiva que é entendida a construção de um talude a sul de Terronha, não estando ainda confirmada a possibilidade de linhas de muralha a Norte do povoado. Na fase em que se encontram os trabalhos arqueológicos, são apenas visíveis três derrubes de grandes dimensões que poderiam sugerir a

existência de uma estrutura defensiva (Barranhão; Tereso, 2006, p.16). O aproveitamento da geomorfologia local dá-se apenas no lado Oeste, onde a existência de escarpas profundas possibilita um bom sistema de defesa.

^a Este trabalho teve origem num trabalho de Seminário de conclusão de licenciatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientado pelo Professor Doutor Victor Gonçalves e pela Dra Catarina Viegas, aos quais profundamente agradeço pelo apoio, incentivo e apreço que dedicaram a este estudo.



A sua localização tem sido interpretada pelos arqueólogos responsáveis pelas intervenções no local como um posicionamento geo-estratégico, de ampla visibilidade, sobretudo sobre a depressão de Macedo, a Serra de Bornes e sobre o povoado da Fraga dos Corvos, associado à rede de defensabilidade da fronteira sul do território do importante *populi* dos *Zoelae*.

Por sua vez, o seu enquadramento geológico numa área de xistos justifica o uso generalizado desta matéria-prima nas diversas estruturas deste povoado pelas populações que aí habitaram.

1.2. Contextualização Históricográfica da Arqueologia em Terronha de Pinhovelo.

1.2.1 Sinopse dos Trabalhos de Campo

Era já conhecida na bibliografia arqueológica, a referência a achados dispersos, no sítio da Terronha, na Amendoeira. Nestas referências, documentava-se a existência de cerâmicas de tipologia castreja, fossos, muros, incrições, *terra sigillata*, *tegulae*, numismas, entre outros, sendo consensualmente aceite a tipologia castreja do povoado (Neto, 1975, p.230; Lopo, 1987, p.100; Alarcão, 1988b, p. 42).

Os estudos arqueológicos na Terronha de Pinhovelo foram apenas iniciados aquando da realização do Estudo de Impacte Ambiental na área afectada pela construção de um novo eixo viário, o Itinerário Principal 2 – EN 216 – Vale Pradinho/ EN 102 – Vale Benfeito. O sítio arqueológico da Terronha, foi então, inserido no plano de minimização de impactes e intervencionado por uma equipa promovida pela empresa ARQUEOHOJE, Lda, dirigida por Pedro Sobral de Carvalho (Carvalho et al, 1997, p.124).

Com estes trabalhos, foram identificadas diversas estruturas de carácter doméstico associadas a uma infraestrutura de grande envergadura interpretada como a muralha do povoado, permitindo o recolhimento de uma ampla área de ocupação.

A descoberta de estruturas com alguma monumentalidade e de vestígios representantes de uma ampla diacronia no espaço, conduziram ao desvio do traçado viário. Enquadrando as teorias de Jorge Alarcão quanto ao povoamento romano no norte de Portugal, Pedro Carvalho retirava “quase seguramente a existência de um castro da Idade do Ferro romanizado”, podendo ser, como o autor apontava, “um *vicus* com funções de lugar central ou com alguma importância político-administrativa”, (Carvalho et al, 1997, p.147).

A investigação arqueológica iniciada aquando dos trabalhos da Carta Arqueológica de Macedo de Cavaleiros deu início a um novo impulso no estudo do sítio arqueológico de Terronha de Pinhovelo. Estes trabalhos, têm prosseguido no sentido da valorização do sítio, tanto a nível físico, através da conservação das estruturas postas a descoberto como no campo científico, com a divulgação e publicação de resultados, no qual este trabalho se insere, de forma a interpretar o significado de Terronha de Pinhovelo no povoamento desta região (Barranhão; Tereso, 2006, p.15).

Até ao presente momento e decorridas duas campanhas de escavação no local, podemos descrever sumariamente as áreas intervencionadas por estes investigadores. Foi designado por Sector A uma área de 73m², situada a sul no limite da plataforma principal, de suma importância para a compreensão desta jazida, uma vez que, documentou três fases de ocupação anteriores ao período romano, duas de Idade do Ferro e uma outra, presumivelmente mais antiga, que sofre ainda da falta de indicadores cronológicos que pretendem ser colmatados futuramente com o avanço da escavação em profundidade neste Sector.

Foram identificados dois momentos de ocupação romana no sector A, localizados no topo do derrube do talude Norte. Nestes, a fase mais antiga caracteriza-se pela construção de um compartimento de planta rectilínea, posteriormente coberto por entulhes, com materiais de cronologia diversa, usados de forma a conceber a reestruturação do espaço levada a cabo na segunda fase de ocupação romana no Sector A, numa fase em que o talude norte estaria já desactivado.



No Sector B, mais extenso que o Sector anterior, foram apenas identificados níveis romanos correspondentes a duas fases. O objectivo nesta área prendia-se com a preocupação em atingir o “núcleo do povoado” já enunciado por Pedro de Carvalho, provavelmente situado na plataforma central e talvez menos afectado por trabalhos agrícolas. Aqui, foram identificados vários compartimentos com estruturas de combustão associadas, uma possível zona de circulação e um lajeado mais a Norte (Barranhão, Tereso, 2006, p.21).

Por último, a escavação do Sector C, diz respeito a uma área de menor dimensão, motivada pelos indícios que sugeriam a existência de um forno no local. Contrariamente ao esperado, não se detectou o referido forno, mas antes um derrube de uma estrutura ainda não conhecida.

Num dos supostos limites do povoado, e de forma a determinar futuras áreas de exploração turística, procedeu-se ainda à abertura de duas sondagens de 4 m² no sopé da elevação das Raposas. Neste sopé foram apenas identificados níveis arqueológicos na Sondagem 1, datada do período romano pela identificação de um fragmento de *Terra Sigillata* Hispânica Tardia.

Por outro lado, os trabalhos de desmatização e prospecção efectuados no local facilitaram o esclarecimento de algumas acumulações pétreas visíveis à superfície, “fazendo adivinhar uma grande concentração urbana compreendida entre as duas possíveis muralhas e o talude que, nesse ponto, atinge vários metros de altura” (Mendes et al, 2005, p.52).

1.2.2. A Terronha de Pinhovelo no Período Romano

O estudo do sítio arqueológico de Terronha de Pinhovelo encontra-se ainda numa primeira fase de interpretativa. No entanto, a conjugação dos dados obtidos pelas intervenções efectuadas em 1997, 2004 e 2005, permite já traçar o esboço daquilo que seria o povoamento neste local.

Nesta medida, torna-se interessante expor as conclusões obtidas entre equipa dirigida por Pedro Carvalho e pela equipa orientada por Carlos Mendes. No primeiro caso, que diz respeito às intervenções organizadas em 1997, num dos limites do povoado, Pedro de Carvalho admite a hipótese do sítio intervencionado se poder ter tratado de um lugar central com importância relevante a nível político-administrativo quando enquadrada regionalmente. Para estes autores, tratar-se-ia muito possivelmente de um castro romanizado, ou pelo menos, de um povoado fortificado, em que o dispositivo amuralhado estaria ainda em funcionamento em época romana, talvez relacionada com “o período turbulento do séc. III ou com a necessidade de proteger a produção/exploração mineira” (Carvalho *et al*, 1997, p.147).

Para os investigadores responsáveis pela prossecução dos trabalhos arqueológicos no local, nomeadamente em 2004 e 2005, a interpretação de Terronha de Pinhovelo é direccionada para a sua possível importância geo-estratégica como um dos povoados que defendiam a fronteira *Zoelae*.

A nova equipa de arqueólogos admite a possível contemporaneidade entre a fase mais antiga identificada no Sector B e a construção das primeiras estruturas detectadas no extremo Norte do Sector A. Assim sendo, teríamos no Sector B, “reestruturas do espaço (...), aproveitando construções anteriores”, ao passo que no Sector A, uma nova fase seria concebida, verificada através de “movimentações de terras colmatando estruturas mais antigas”. Estas diferentes formas de modificação do espaço, poderiam estar relacionadas com

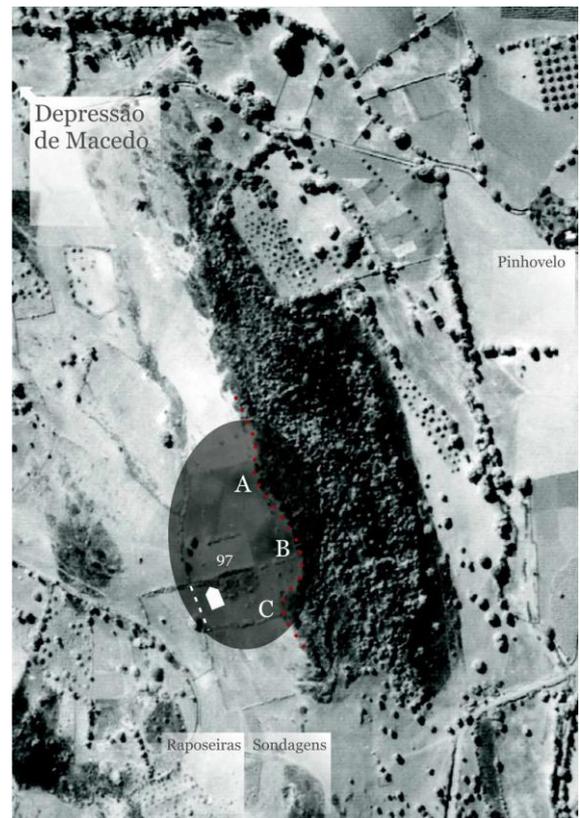


Fig. 2 – Fotografia aérea com a localização dos Sectores A,B e C, sondagens, área da intervenção de 1997 e outros pontos importantes para a compreensão de Terronha de Pinhovelo (Barranhão e Tereso, 2006, p.17).



uma possível retracção da área habitada, justificando desta forma, os entulhos verificados no Sector A (Barranhão; Tereso, 2006, p.25). Por outro lado, os taludes, tal como surgem designados, serão, mais antigos, pelo menos no Sector A, onde surgiram documentados, podendo mesmo ser anteriores aos níveis de Idade do Ferro que até à data foram identificados, pelo que os autores aludem a paralelismos com outros povoados em que a construção de taludes surge associada com fundações antigas, inclusivamente calcólicas (Mendes et al, 2005, p.53).

Segundo Pedro de Carvalho, a ocupação romana estaria situada entre o séc. I e V d.C. (1997, p.147), enquanto que, para Helena Barranhão e João Tereso, esta ocupação seria enquadrada no final do Alto Império e durante todo o Baixo Império (2006, p.25).

2. A Terra Sigillata Hispânica Tardia.

2.1.As Tipologias: A Problemática em Torno da sua Identificação.

A compreensão de uma cerâmica deve também englobar o historial das suas definições, desde a sua identificação à sua precisão em estudos mais recentes. A revisão destes temas, embora signifique na maior parte dos casos o suplantar de uma teoria preexistente, não deixa de relembrar antigas questões que podem ser clareadas com o decorrer das investigações arqueológicas.

A primeira menção relativa a esta cerâmica surge na publicação dos achados relacionados com a necrópole de Galiana (Somaén). Pouco tempo depois, Gómez Moreno consolida estes estudos, focando o seu aparecimento em níveis do Baixo Império (Mayet, 1984, p.249).

Estes primeiros trabalhos permitem o reconhecimento da *Terra Sigillata Hispânica Tardia* (doravante TSHT) nos sítios arqueológicos, fundamentalmente no que respeita a formas decoradas, mais facilmente identificáveis neste fabrico de produção peninsular. Desta fase, destaca-se a obra de Mezquíriz (1961), que efectua uma primeira sistematização da *terra sigillata* hispânica, introduzindo já as novas questões que se vinham propondo acerca deste produtos de âmbito cronológico tardio.

Em Portugal, as primeiras aproximações ao seu estudo serão encetadas pelos trabalhos de Russel Cortez, que identifica vários conjuntos de *terra sigillata* tardia, entre estes, “aqueloutra cerâmica envernizada em que é característica a decoração constituída por grandes arcos, com uns motivos em aspas dispostas regularmente no interior de dois arcos concêntricos” (1951, p.12).

Mais tarde, no seguimento das publicações sobre as categorias cerâmicas encontradas em Conímbriga, Manuela Delgado, presta o reconhecimento de um avultado número de materiais com afinidades com a TSHT, mas que, por sua vez, traduz uma tradição diferente, ligada às produções de *terra sigillata* africana, sendo por isso denominado por “sigillée tardive régionale” (Delgado, 1975, p. 317).

Neste aspecto, a realização de uma mesa redonda para a discussão dos dados de Conímbriga vem debater esta e outras questões, tais como, a persistência ou ruptura entre as produções do Alto e do Baixo Império. É pois P. de Palol, quem irá indicar que as referidas “sigillées tardive régional” e as produções hispânicas em período tardio farão parte de uma mesma família, uma hipótese consubstanciada em novos dados adquiridos, nomeadamente, através das escavações de Clunia e Pedrosa de La Vega (A propos, 1976, p.54). É também aqui, que Palol irá propor a designação de «sigillata hispânica tardia», um conceito já adoptado em alguns trabalhos e que exprimiria um significado de âmbito cronológico e geográfico, à semelhança do que havia sido também efectuado para outras produções de *sigillata* (A propos, 1976, p.56).

Este autor, Pedro Palol, vai ainda destacar as suas investigações no domínio das tipologias, através do estudo de La Olmeda (1974), contemplando pela primeira vez, modelos unicamente relativos ao Baixo Império.

Após o estabelecimento destas bases, coube a Françoise Mayet a continuação deste estudo. Este importante contributo consolidou-se na obra “Les Ceramiques Sigillées Hispaniques” (1983-1984), na qual aprofunda o conhecimento obtido sobre os diferentes fabricos hispânicos em época tardia.



No entanto, esta linha de resultados, promulgada por todos estes investigadores, nem sempre se reflectiu numa homogeneidade de discurso, sendo que os problemas que acompanharam a sua identificação coexistiram de certa forma no retrato tipológico que lhe foi sendo atribuído.

Assim, observamos que, à tipologia numérica criada por Mezquíez (1961), se foram adicionando outras com a identificação de novas formas, ou até mesmo, a reelaboração de outras sob diferentes denominações. Vêm-se os exemplos de Palol, Paz Peralta e López Rodríguez.

Na TSHT, quando as tipologias referem morfologias posteriores ao séc. III, verificamos a tendência para a constituição de um avultado número de variantes formais, “por el qual los referentes formales se difuminan hasta el punto de no tener certeza de cuando estamos hablando de una forma diferente o de una variante” (Juan Tovar, 1997: 562).

Esta característica foi já interpretada no estudo que Juan Tovar realiza ao abordar o conjunto de TSHT de Arcóbriga, onde o autor individualiza variantes técnicas e variantes funcionais. Um modelo igualmente aplicado aos materiais provenientes de Quintanilla (1997, p.561). Este autor, embora nem sempre interprete diacronias ou sincronias entre cada uma das morfologias adoptada, na generalidade dos casos, relaciona estas variações tipológicas com um determinado intervalo cronológico.

Ao nível das decorações, o trabalho de López Rodríguez (1985) sistematiza os exemplares decorados em cinco estilos com aparente sucessão cronológica. No entanto, este estudo não deixou de receber críticas, ora por erros de classificação ora por não contemplar relações entre motivos decorativos e possíveis olarias produtoras (Paz Peralta, 1991, p. 104). Estas decorações serão também reorganizadas em estilos, primeiramente por Mayet (1984) e em seguida por Paz Peralta (1991).

Neste domínio, Juan Tovar considera que mais que uma sucessão de estilos, existiu uma “progressiva aparición de tendencias”, diluídas no séc. IV, quando parece estar presente em maior ou menor número todo o tipo de gramática decorativa (Juan Tovar, 1997: 564).

No caso português, tem-se observado um hiato na publicação de dados relacionados com a TSHT, que tem, necessariamente, repercussões directas na análise destes materiais. Com efeito, se em Espanha a proliferação de resultados se fez sentir com um acréscimo de conhecimento em torno da sua dinâmica cultural, económica e comercial, no território nacional já não se pode observar tal desenvolvimento de estudos.

Este facto, não se deve a uma pretenciosa discriminação desta cerâmica em detrimento de outras, mas sim, à negligência do seu estudo devido à sua posição geográfica, dado que, como sabemos, é no Norte que esta cerâmica teve um maior impacto, sendo também aqui, que mais vazios se detectam no plano da investigação arqueológica. Nos sítios do sul, a sua difusão é escassa, podendo mesmo ser confundida por entre os grandes conjuntos de *terra sigillata* afins, cuja forma e características técnicas tão bem se soube relacionar, ou pode mesmo encontrar-se mascarada, sob outras designações em trabalhos mais antigos.

Curiosamente, é no Sul que identificamos os poucos dados que se referem a esta cerâmica em âmbito nacional. Por entre as grandes monografias de sítios, surgem conjuntos de escassa quantidade, sendo que, na publicação de artigos estas ajudas não são por isso mais felizes, reduzindo-se à sua referência num parágrafo, ou, quando o seu estudo acontece, é na grande maioria constituído por meia dúzia de peças, por vezes nem alcançando este número, à excepção do recente trabalho publicado com um conjunto de Fronteira constituído por 49 (quarenta e nove) peças (Carneiro e Sepúlveda, 2004).

Como verificamos, este estudo carece ainda de uma análise cuidada de grandes conjuntos, que por sua vez, tomem em consideração, o contexto comercial em que este tipo produtivo se insere. As influências externas a que o mercado com outras províncias romanas lhe propícia, geram uma nova liberdade de acção, ou mesmo, um certo descontrolo da variedade formal operada, muitas vezes, realizada ao sabor do gosto de cada oleiro. Esta característica torna por isso difícil a sua sistematização, ao contrário do que se passa no Alto Império, onde se assiste a um controlo efectivo dos *negociatores*, com critérios mais rígidos de produção (Juan Tovar, 1997, p.561).



Por outro lado, a falta de estratigrafias arqueológicas seladas, debilitaram em muito estes estudos tipológicos, aos quais falhou, sem dúvida um balizamento cronológico seguro. Segundo Buxeda i Garrigós e Tutset i Bertran, muitas destas tipologias foram baseadas em escavações de metodologia arbitrária ou em estratigrafia geológica, o que “invalida totalment l’excavació en no permetre documentar la sequencia estratigràfica sobre la qual s’articula tot el jaciment” (1995, p. 175), falseando necessariamente toda a informação baseada neste tipo intervenção.

2.2. Cronologias e Características da sua Produção.

A TSHT faz parte de uma nova vaga de produções associadas ao Baixo Império, sendo que, o obscurantismo em torno deste fabrico, se relaciona necessariamente com o período que abarca, ou seja, do séc. III d. C ao V d.C., ligado a conceitos como “crisis del siglo III” ou “destrucciones e “inestabilidad social” (Paz Peralta, 1991, p.41). Actualmente, admite-se a hipótese de transformação/ remodelação ou transição de zonas de poder, provada pela testemunhada perduração de prosperidade económica em alguns sítios arqueológicos. O mesmo não acontece para a actividade oleira, dado que a escassez de olarias identificadas neste período, conduz a afirmações erróneas, falseadas pelo estado das investigações arqueológicas. Com efeito, compreende-se que escassez de olarias identificadas não indica a sua inexistência, pois se por um lado assistimos ao progressivo desaparecimento de olarias como Andújar, Granada ou Singilia Barba, verificamos a perduração ou a eclosão de outras, localizadas no norte peninsular, como se expressa no caso de Salceda em Trício.

A *terra sigillata* foi um dos mais rápidos intervenientes no processo de revitalização económica, ocorrido fundamentalmente no séc. IV. Esta, vai iniciar um novo modelo de implantação comercial em que a cidade deixa de ser o centro aglutinador de toda a actividade económica, assistindo-se à formação de novas áreas produtivas, aglomeradas em torno de áreas rurais, que apresentem boas condições de comunicação, e na proximidade de zonas urbanas.

Este fenómeno que acompanha as tendências do quadro sócio-cultural formado com a desagregação do mundo urbano que, sensivelmente a partir do séc. III d.C., inverte os focos de poder entre o binómio cidade-campo. A implantação dos novos modelos de oficina desenha uma nova vitalidade, inclusive até períodos mais tardios, relativos ao séc. V, ou mesmo ao séc. VII e VIII, embora actualmente ainda não exista muita informação a esse respeito.

As oficinas estabelecidas no Norte peninsular chegam a estender os seus produtos a zonas ainda distantes, polarizando o seu comércio na sua área de influência (ex. da Meseta Norte). Apesar desta influência, no sul do território hispânico, a estrutura comercial estabelecida não consegue competir com as produções exógenas ao ambiente peninsular, o que leva Luis Juan Tovar a pensar que aos grandes *negociatores* do Alto Império se seguiriam pequenos e médios *mercatores*, incapazes de controlar o comércio de longa distância, e por isso, com uma capacidade inferior à dos anteriores agentes de comércio (Juan Tovar, 1997, p.550).

Utilizando conceitos como: continuidade; adaptação e evolução, Luis Juan Tovar, justifica o fenómeno comercial ocorrido no séc. III d.C. Segundo indica, o debilitamento na produção, reflectido directamente na monotonia e simplicidade do reportório formal, não pode ser visto como um fenómeno de decadência, mas antes como causa e efeito do normal ajuste dos produtos hispânicos às novas leis de oferta e procura, ditadas pelos produtos mediterrânicos, especialmente os oriundos do Norte de África e Gália (Juan Tovar, 1997, p.550).

Por outro lado, a longevidade de algumas formas assim como aparecimento de novas morfologias indicia a manutenção da vitalidade comercial por algumas olarias hispânicas. A decoração compunha-se por três técnicas decorativas: a molde, estampada ou burilada.

Cronologicamente, os dados referentes a esta produção não são igualmente cristalinos. Genericamente, é de certa forma consensual situá-la entre os séc. III d.C. e V d.C. Segundo, Juan Tovar este intervalo temporal poderia ainda seria dividida por dois grandes períodos de renovação formal (Juan Tovar, 1997, p.558).

Assim, e de acordo com este autor, num primeiro momento, a pressão sentida nas oficinas pela concorrência massiva dos produtos norte africanos, terá estimulado uma importante renovação formal, reavivando as



olarias hispânicas com influências directas sobre a sua gramática decorativa e nas suas técnicas de fabrico, especialmente no que concerne aos pratos. Este momento estaria intimamente relacionado com as oficinas do Douro, sendo iniciado por volta de 310/330 d.C.

Após esta primeira etapa seguir-se-ia outro período, onde se documenta uma maior vitalidade nas oficinas hispânicas, iniciando-se aproximadamente em 360/370 d.C., podendo prolongar-se até inícios do séc. VI. Este momento seria caracterizado pela modificação de toda a gramática decorativa, realizada na sua maioria a molde, assim como, pela adopção de novas técnicas de cozedura influenciadas pela entrada dos produtos Narbonenses tardios.

2.3. A sua Distribuição Espacial: O Território Português.

Compreender a difusão de uma qualquer cerâmica e o seu significado económico e cultural é sempre uma matéria difícil. No caso da *TSHT*, este conhecimento é ainda agravado pelo seu reconhecimento tardio nos sítios arqueológicos. De facto, a sua existência, encontra-se muitas vezes mascarada por outras designações, complicando a sua identificação. Por outro lado, quando dela tomamos conhecimento, esta percepção surge-nos apenas inserida num parágrafo, que cita o seu aparecimento, sem aferição de tipologias ou contextos que a esta se reportem.

Françoise Mayet organiza a primeira grande carta de distribuição de *terra sigillata* hispânica tardia na Península Ibérica, descortinando dados até então publicados. Por essa altura, em 1984, citava já alguns sítios localizados no território Português, advertindo para o facto de que, “Les découvertes de sigillées hispanique tardive se multiplient chaque année” (p.273).

Após a realização desta carta de distribuição, Françoise Mayet, indicava a densidade de sítios identificados, evidentemente polarizados em torno de duas áreas principais, situadas no norte da Península Ibérica, o vale do Douro e o Vale do Ebro. Esta concentração, far-se-ia em torno das grandes áreas onde a sua produção foi identificada, ou seria antes, tal como a autora se questionava, resultante de uma pesquisa arqueológica orientada para determinadas áreas geográficas de investigação (Mayet, 1984, p.279). Como sítios periféricos a esta difusão, inseriam-se as zonas litorais com uma concentração de *TSHT* praticamente residual quando comparada com as estações romanas identificados no norte peninsular. Córdova ou Huelva constituiriam “la marge plus meridionale et la plus lointaine dans la diffusion de cette production” (1984, p.280).

Em Portugal, Conímbriga destacar-se-ia como região central, dado o avultado número de materiais exumado, seguindo a mesma linha de consumo de Mérida, a capital da Lusitânia (Mayet, 1984, p.279).

Mais recentemente e tomando com particular atenção a dispersão de *TSHT*, no território actualmente português, ou seja, inserido nos espaços romanos administrativamente compreendidos na Lusitânia e na Galécia, observamos as referências citadas por André Carneiro e Eurico de Sepúlveda (2004, p.443), que introduzem novos dados à dispersão anteriormente conseguida.

Para estes autores, a área de maior concentração de *TSHT* situa-se entre o rio Minho e o rio Mondego, a densidade de sítios indica uma maior concentração litoral. No entanto, e tal como estes autores afirmam, este facto deve ser lido de acordo com ritmos de investigação, dado que, será natural a sua maior concentração em sítios do interior, eventualmente mais próximos das áreas de produção conhecidas.

Por sua vez, a abundância de *TSHT* encontrada na proximidade do rio Douro, sugere que este seria o meio preferencialmente utilizado na difusão destas peças (Carneiro e Sepúlveda, 2004, p. 444). Na zona norte da bacia do Tejo esboçam-se também os primeiros contornos do seu consumo. Para estes autores, esta área “o centro de comércio por excelência de toda a Lusitânia” (Carneiro e Sepúlveda, 2004, p. 444).

A documentação de *TSHT* em sítios arqueológicos localizados a sul do nosso território actual, como por exemplo Monforte, Fronteira e Elvas ou mesmo junto à costa, no litoral Algarvio, referentes a Balsa e Faro, indica que estes produtos teriam igualmente capacidade de exportação para zonas longínquas, através de um comércio desenvolvido, nomeadamente, e “mais uma vez, por via fluvial, aproveitando o Guadiana” (Carneiro e Sepúlveda, 2004, p. 444).



Na obra de Sande Lemos, relacionada com o povoamento romano em Trás-os-Montes Oriental (1993) é atestada a presença de TSHT em vários sítios arqueológicos. Para este autor, a importação de TSHT em Trás-os-Montes Oriental, expressa a manutenção de vias do Alto para o Baixo Império e a continuidade do povoamento encetado no séc. I (1993, p.380). O povoamento desta região seria assim caracterizado pela existência de pequenos habitats rurais, eventualmente fundados no Alto Império, “cujo crescimento se acentua no Baixo Império” (Lemos, 1993, p.380).

Perto de Terronha é já conhecido o povoado do Cramanchão, “uma elevação com limites vincados a Oeste e a Sul, com esta vertente afectada pela construção do caminho-de-ferro e suaves nos restantes pontos”(Mendes, C., 2005, p.35). Este sítio partilha com a Terronha de Pinhovelo não só a visibilidade recíproca, como também um importante volume de TSHT. Tratando-se de dois povoados próximos entre si, deverão certamente ter usufruído das mesmas características de consumo, uma circunstância importante para a compreensão da dinâmica ocorrida entre estes dois sítios e que, aprofundada, poderia facilitar a leitura do carácter massivo da importação de TSHT nesta zona, que apesar de apresentar marcas de interioridade regional, não deixou por isso de se enquadrar nos processos económicos do Baixo Império.

De facto, sabemos da existência de um povoamento romano intensivo nesta área (Barranhão e Tereso, 2006, p.14I), muitos deles estabelecidos em áreas já ocupadas noutros períodos históricos, à semelhança do que foi detectado em Terronha de Pinhovelo. Pensamos por isso, que novos dados, trarão maior dinamismo do que aquele que é conhecido actualmente para a ocupação romana desta região.

Devemos ainda ressaltar que este pontilhado no mapa do actual território português, embora possa sugerir uma abundante quantidade de informação, não passa na maior parte dos casos de um malgrado conjunto de pontos indicadores de achados residuais, publicações inéditas ou de uma pequena citação num parágrafo sem pretensões tipológicas ou de fabricos. A maior ou menor concentração de resultados de investigação numa determinada área, pode também ser o reflexo de um maior ou menor isolamento desta zona face à investigação arqueológica aí processada, parecendo ainda longínquo o processo de sistematização destes achados.

3. A Terra Sigillata Hispânica Tardia de Terronha de Pinhovelo.

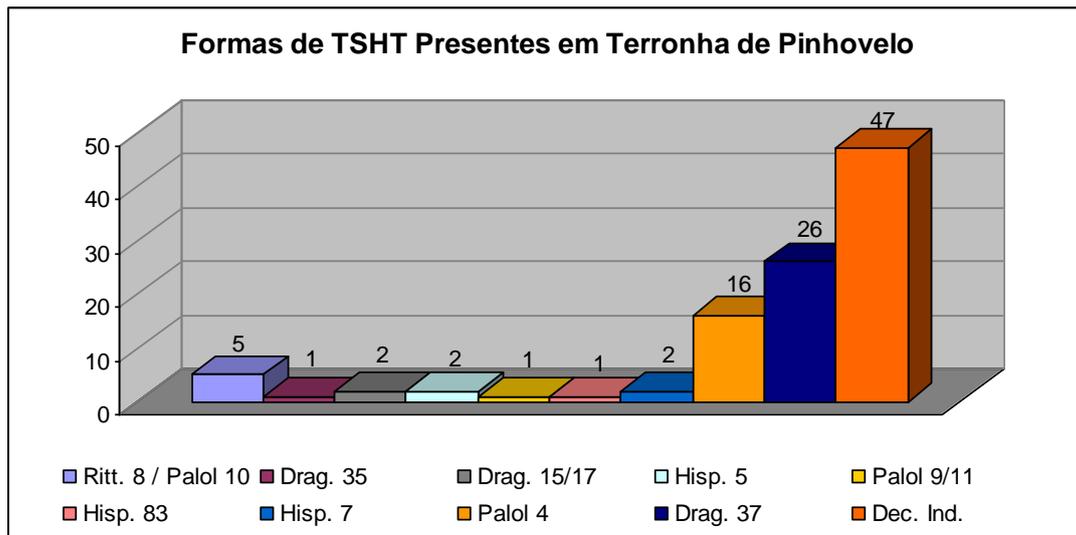
3.1. Apresentação do Conjunto.

Este trabalho tem como base a análise do conjunto total de TSHT recolhido nas intervenções de 2004 e 2005 do sítio de Terronha de Pinhovelo. O depósito destes materiais localiza-se no núcleo museológico e interpretativo do projecto “Terras Quentes”, de momento, situado na barragem do Azibo.

Do conjunto de fragmentos exumado nestas escavações, num total de 783 fragmentos, triámos 104 indivíduos (NMI^c) que permitiam classificação formal. Desde logo, observa-se uma grande discrepância entre os fragmentos recolhidos e o número de peças passível de uma correcta definição formal. Infelizmente, esta situação é recorrente na globalidade dos conjuntos relacionados com este tipo de produção, pelo que se deve na maior parte dos casos a uma grande fragmentação do espólio exumado.

Perante o inacabado ou o inconformismo tipológico existente entre as tipologias de TSHT, a verificação das mesmas procurou sempre que possível as distintas equivalências entre os autores que se debruçam sobre esta temática.

^c A quantificação dos materiais teve em conta o protocolo estabelecido na mesa redonda realizada em Mont Beuvray que estabelece os pressupostos para o cálculo do número mínimo de indivíduos (NMI) entre o número de fragmentos que um conjunto oferece (Arcelin e Tuffreau-Libre, 1998).



Posto isto, podemos indicar que este conjunto permitiu a identificação de nove formas, entre pratos (Drag. 15/17; Forma 83; Palol 4); tigelas (Drag. 37); taças (Ritt. 8; Drag. 35; Hisp. 5; Palol 9/11); e tampas (Hisp. 7). Neste trabalho, considerámos pertinente englobar todos os exemplares decorados de Terronha, constituídos por bojos e fundos, que mesmo não possibilitando classificação formal, são indicadores de cronologia, gostos e tendências. No entanto, se estabelecermos a relação entre estes bojos e formas identificadas, assumimos que muito provavelmente estes bojos com decoração a molde, terão pertencido à forma Drag.37, única morfologia de peças decoradas existente em Terronha, sendo frequente a sua relação com os estilos decorativos identificados. Por sua vez, os fundos estampados presentes na forma Palol 4 esboçam uma tendência decorativa diferente e a sua frequência nos grandes pratos de herança africana poderá esboçar esta influência.

Cronologicamente, podemos balizar estas formas no Baixo Império, sensivelmente entre o séc. III d.C. e o séc.V. ou mesmo VI d. C segundo alguns autores. Não obstante, o período de maior representatividade nos pareça localizado no séc. IV.

3.2. Os Fabricos

As possíveis áreas de produção de TSHT identificadas até à actualidade, têm sido divididas fundamentalmente em duas zonas distintas, uma localizada na bacia do Douro e outra centrada nos limites geográficos do Vale do Ebro. De um modo geral, estas produções podem ser caracterizadas por argilas porosas, e vernizes de película fina e mate ou brilhantes e aderentes, igualmente de tonalidades alaranjadas, podendo, por vezes, apresentar manchas escuras, resultantes, segundo alguns autores, de um deficiente controle do forno no processo de cozedura. Estas, como já foi referido, vão reproduzir influências de inspiração africana e gálica tardia, não deixando por isso de possuir características próprias que marcam a sua identidade hispânica.

Estas produções, encontram-se perfeitamente descritas por Françoise Mayet, a partir das análises realizadas por Maurice Picon. Os resultados obtidos nestas análises permitiram o estabelecimento de dois grupos, o Grupo D e o Grupo G, que descrevem genericamente as características físicas das produções conhecidas para o Baixo Império.

O Grupo D, corresponderia à área de *Tritium Magallum* ou Vale do Ebro, verificando-se aqui, a continuidade da produção de *terra sigillata* nesta amplitude geográfica. Deste modo, seria herdeiro da tradição Alto Imperial, e por isso, possivelmente mais antigo, no sentido, em que empregaria, pelo menos numa primeira fase, argilas calcárias, inseridas numa ideologia oleira semelhante à que se realizaria em período precedente (Mayet, 1984, 284).

Por sua vez, o Grupo G, marcaria uma tradição diferente, com pastas alaranjadas e características técnicas similares às das produções africanas de *terra sigillata*. Este último grupo, estaria relacionado com a bacia hidrográfica do Douro, ou com alguma olaria, situada em Clunia, ou em sítio ainda desconhecido (Mayet, 1984, p. 284-285).



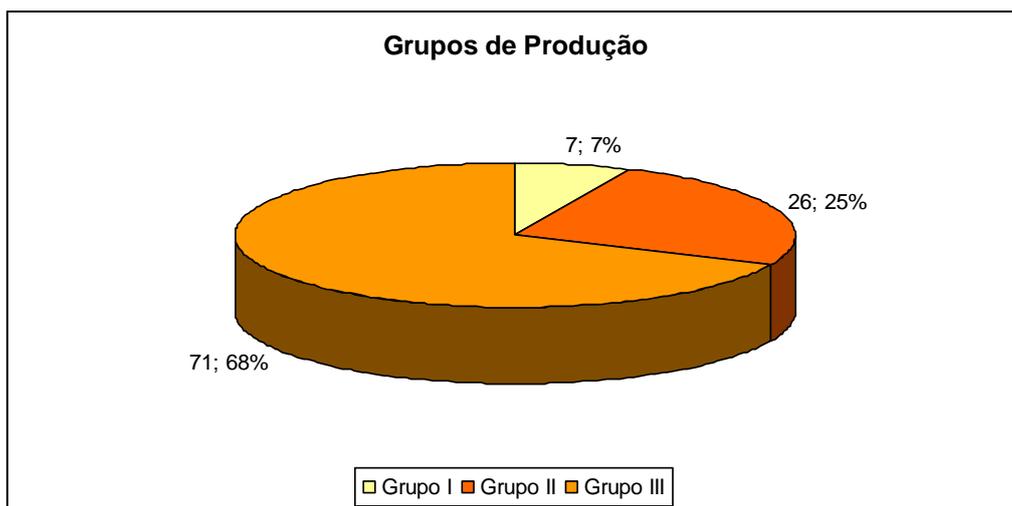
3.2.1. Caracterização Geral dos Fabricos:

A definição de grupos de pastas vem no seguimento de metodologias já avançadas por outros investigadores, que indicam que “ só a constituição de diferentes fabricos dentro dos grandes grupos que constituem, por exemplo a sigillata itálica ou hispânica, pode enquadrar no futuro as análises químicas da pasta.” (Viegas, 2003, p.11).

A nossa análise macroscópica realizou-se com a utilização de uma lupa de 15 aumentos, tendo sido seguida de uma observação em lupa binocular.

No que diz respeito à pasta considerámos fundamentalmente três factores: a cor, de acordo com a tabela de Munsell (2000), resultado da temperatura de combustão; a textura, partindo do princípio de que uma pasta fina seria definida por uma granulometria de difícil distinção a olho nu, média quando é reconhecível à lupa e por fim, grosseira, quando é facilmente perceptível macroscopicamente (Carvalho, 1993, p. 15) Por último, o grau de dureza, à semelhança do que foi realizado para Valdeorras, ainda que não atribuamos nenhuma correspondência directa com a escala de Mosh (Menéndez Llorente, 2000, p.29). Para o engobe privilegiámos quatro variáveis: a cor, igualmente designada de acordo com a tabela de Munsell (2000); o brilho, que pode alternar entre brilhante, mate ou baço, a espessura e por fim a homogeneidade desse mesmo revestimento.

Com base nestas observações, o conjunto de TSHT de Terronha de Pinhovel permitiu identificar três grandes grupos de fabricos distintos. São eles:



Grupo I

O Grupo I é caracterizado por pastas de tonalidade esbranquiçada, de cor salmão claro a escuro, compacta, com elementos não plásticos invisíveis a olho nu, ainda que, a cor esbranquiçada da pasta indique uma provável existência de um número elevado de componentes de carbonato de cálcio. O engobe é bastante residual em todas as peças analisadas, o que dificulta este nosso parecer, no entanto, indica ser de tonalidade vermelho-alaranjado, espessura fina, variando de homogeneidade.

Grupo II

Este Grupo caracteriza-se pela composição de pastas avermelhadas bastante heterogêneas, compactas, de textura geralmente fina ou média, em que são já visíveis alguns elementos não plásticos como a calcite ou a mica. Os engobes encontram-se bem conservados, podendo oscilar entre a gama dos vermelhos – alaranjados ou acastanhados, com ou sem a apresentação de manchas escuras como resultado da sua cozedura. Em certos casos, o negro cobre mesmo toda a superfície externa da peça, sendo que, na parede interna, se conserva o engobe vermelho-acastanhado escuro. No geral, este engobe é espesso e reproduz um brilho mate metalizado pouco homogêneo.



Pelas características apresentadas, tanto o Grupo I como o Grupo II, nos parecem corresponder a olarias provenientes área de produção do Vale do Ebro. O Grupo I é minoritário, composto apenas por sete indivíduos, pelo que, consideramos arriscado a atribuição a um ou outro centro produtor. No entanto, achamos provável pelas características das pastas e engobes associá-lo igualmente a olarias localizadas em Trício, e por isso, talvez subsidiárias do Grupo II.

O Grupo D, reconhecido por Picon na obra de Françoise Mayet, seria responsável pela manutenção de produção de *terra sigillata* no centro de *Tritium Magallum*, no vale do Ebro, ou pelo menos em olarias inseridas no seu complexo geográfico, nomeadamente em La Rioja, pelo que a homogeneidade das pastas sugere uma grande proximidade espacial entre estas diversas produções (Picon, 1984, p.317). Por este motivo, possuem, naturalmente, grandes afinidades com as argilas utilizadas no Alto Império, compostas por pastas calcárias e cozidas em modo C (Picon, 1984, p. 316). Em Valdeorras, onde também se confirmou a inicial divisão de fabricos por análises químicas e mineralógicas, Adriángela Menéndez Llorente, associa o Grupo I com as produções tardias de linhagem Alto Imperial, do Vale de Najerilla (2000, p.77), também associadas a Fronteira, nos grupos de pastas do tipo B (Carneiro e Sepúlveda, 2004, p.447).

Grupo III

Estes é o grupo de fabrico maioritário em Terronha de Pinhovel. Diz respeito a peças com pastas de tonalidade alaranjada, granulometria geralmente fina ou média, em que a textura permite já a identificação de alguns dos seus componentes, como a mica, a calcite e minerais ferro-magnesianos, ainda que, raramente eles apareçam de forma frequente. São geralmente pastas bastante porosas, variando de grau de compactação.

Quanto aos engobes, verificamos maior homogeneidade, enquadrando-se na gama dos vermelho-alaranjados por vezes brilhantes. Observa-se uma grande degradação dos revestimentos, possivelmente resultante da utilização de vernizes pouco espessos, da acidez da terra ou mesmo do processo de lavagem dos materiais.

Estas características parecem similares com o Grupo G de Françoise Mayet, relacionado com a área de Produção da Bacia do Douro, que, segundo Picon, significa a passagem de cozedura de modo C para modo A, através da utilização de pastas não calcárias e de uma nova tradição de revestimentos não vitrificados (Picon, 1984, p. 316).

Estas características estão bem presentes em Conímbriga (A propos, 1976, p.41) e parecem recordar o grupo II definido por Adriángela Menéndez Llorente para a Comarca de Valdeorras – “Su aspecto está ya totalmente alejado de la sigillata altoimperial, siendo su textura mucho más parecida a la de las sigillatas claras” (2000, p.76), sendo que, em Fronteira, estas características são enquadradas no Tipo B (Carneiro e Sepúlveda, 2004, p.447).

Porém, ressaltamos que as associações expostas tratam-se apenas de hipóteses baseadas numa análise macroscópica, uma abordagem deve sempre ser enquadrada numa perspectiva preliminar, efectuada com base nos recursos disponíveis e que deverão ser confirmadas ou falseadas com a possibilidade de análises futuras.

3.3. Análise Tipológica:

3.3.1. As Formas Lisas.

3.3.1.1. Ritterling 8 (Mezquíriz,1961; Paz Peralta, 1991) / Forma 8 (Mezquíriz, 1985) / T.S.H.T. 10 (Palol, 1974)

Esta forma representa a sobrevivência morfológica de uma taça de parede hemisférica, com raízes na época de Augusto e produção nas oficinas Gálicas e Hispânicas do Alto Império. Apresenta bordos simples e pés geralmente baixo, ou inexistentes, característica que se manifesta especialmente nos exemplos mais tardios (Mezquíriz, 1985, p.145).



A sua forma encontra-se dividida por Paz Peralta em três variantes – A, B e C – diferenciadas de acordo com a morfologia do bordo, a espessura das paredes e o perfil que estas reproduzem.

Em Terronha de Pinhovel, possuímos apenas a variante A, representada por 5 indivíduos, sendo de todas, a variante mais abundante nos sítios arqueológicos. É caracterizada por paredes de espessura fina, encurvadas e bordos simples, afilados ou arredondados.

Os diâmetros identificados demonstram a existência de peças de tamanho reduzido, situadas entre os 100 mm e os 144 mm, enquadrando-se perfeitamente nas dimensões usualmente observadas para estas peças que pode atingir os 260 mm. O tamanho destas peças e a espessura fina destas paredes, entre os 2 e os 3 mm (à exceção dos exemplares atrás referidos de paredes mais encorpadas), é associado a uma tentativa de reprodução da *terra sigillata* clara C, por parte dos oleiros hispânicos, estando presente em níveis arqueológicos inseridos no terceiro quartel do séc. IV, ou seja, logo após a difusão da *terra sigillata* clara C no nosso território, especialmente protagonizada pela Hayes 50 e Hayes 45 (Paz Peralta, 1991, p.57). Contrariamente, Juan Tovar, não verifica nenhuma relação entre este tipo e as formas africanas, demonstrando que a Ritterling 8 pode também estar presente em estratos do séc. III, como se verificou em Sasamón, Quintanilla ou em Relea (2000, p.77 e 78), em Clunia (Tutset i Bertrán e Buxeda i Garrigós, 1995, p.361), ou Numancia (Romero Carnicero, 1985, p.186)

As pastas enquadram-se igualmente no que vem sendo referido, sendo típicas do conjunto A de Paz Peralta, com origem situada no Vale do Ebro, o que se assemelha à situação verificada em Terronha, com cinco exemplares do Grupo II.

Em Quintanilla de La Cueva, esta é também a variante mais frequente, ainda que, Juan Tovar, diferencie as nuances dentro desta variante em A 1, A 2 e A 3, sugerindo que fossem ilustrações de diferentes olarias (2000, p.77). A atender a estas diferenciações, enquadraríamos o grosso dos nossos materiais na variante A 1, não alterando a cronologia proposta por Paz Peralta.

Esta forma está também bem documentada em Valdeorras (Menéndez Llorente, 2000, p.79), em A Coruña, correspondendo a 16,6% do conjunto estudado (López Pérez, 2004, p.388), em Fronteira, correspondendo a quatro exemplares (Carneiro e Sepúlveda, 2004, p.445) e também na Ammaia, embora a sua presença seja quase residual, reduzida a duas peças (Pereira, 2006, p.51).

Quadro Descritivo I – Estampa I

Nº de Inventário	Ano	Sector	U.E.	Forma	Nº de fragmentos	Fragmento	Diâmetro do bordo	Altura	Espessura da peça	Cor	Cor 2	Brilho	Espessura	Homogeneidade	Cronologia
836	4	B	2	Ritt. 8 A/Palol 10	1	bordo/b ojo	-	12	2	10R 5/8	2.5YR 5/8	mate	espesso	homogéneo	III-IV d.C.
1947	5	B	47	Ritt. 8A/Palol 10	1	bordo/b ojo	-	24	5	10R 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	III-IV d.C.
1982	5	B	53	Ritt. 8 A/Palol 10	1	bordo/b ojo	130	23	4	10R 5/8	2.5YR 5/8	mate	espesso	homogéneo	III-IV d.C.
2030	5	B	41	Ritt. 8A/Palol 10	4	bordo/b ojo	144	29	4	10R 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	III-IV d.C.
2552	5	B	3	Ritt. 8 A/Palol 10	1	bordo/b ojo	-	13	3	10R 5/8	-	-	-	-	III- IV d.C.

3.3.1.2. Dragendorff 35 (Mezquíriz, 1961; Paz Peralta, 1991) / Forma 35 (Mezquíriz, 1985)

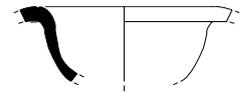
Temos em Terronha de Pinhovel mais uma morfologia de filiação na Gália, sendo igualmente conhecida nas produções hispânicas e africanas de *terra sigillata*. A taça Dragendorff 35 tardia, encontra-se apenas representada por um indivíduo em Terronha de Pinhovel. Caracteriza-se pela apresentação de paredes baixas, geralmente espessas, de perfil hemisférico e bordo em aba, destacando-se da sua congénere Drag. 36,



precisamente pela sua reduzida dimensão. Nos exemplares mais tardios, parece já não existir a decoração a barbotina, que tipificava esta forma em períodos mais recuados. O exemplar recolhido em Terronha de Pinhovelo parece confirmar esta situação, dado que, apesar de não possuímos a aba completa, a parte conservada não denuncia nenhum tipo de decoração.

A peça que possuímos enquadra-se perfeitamente nas características desta forma, adquirindo cerca de 74 mm de diâmetro. O seu grupo tecnológico diz respeito ao Grupo II, com um engobe bastante aderente, sendo bem visíveis as linhas produzidas por um possível instrumento de alisamento. As peças desta morfologia exumadas na província de Zaragoza são enquadrados no Conjunto A de Paz Peralta, que pode ser equivalente ao Grupo II de Terronha com origem indicada para o vale do Ebro.

O aparecimento desta morfologia não abrange tão ampla difusão quanto a Ritt. 8, estando presente em sítios como a província de A Coruña, no acampamento romano da Cidadela, onde representa 1,6% do conjunto tardio (López Pérez, 2004, p.393). Estes locais comprovam a perduração desta forma até ao séc. IV, d.C., um dado igualmente referido por Paz Peralta (1991, p.63).



Quadro Descritivo II – Estampa I

Nº de Inventário	Ano	Sector	U.E.	Forma	Nº de fragmentos	Fragmento	Diâmetro do bordo	Altura	Espessura da peça	Cor	Cor 2	Brilho	Espessura	Homogeneidade	Cronologia
2306	5	B	1	Drag. 35	2	bojo	74	32	5	10R 5/8	2.5YR 3/6	mate	espesso	ñ homogéneo	III-IV d.C.

3.3.1.3. Dragendorff 15/17 (Mezquíriz, 1961; Paz Peralta, 1991) / Forma 15/17 (Mezquíriz, 1985)

Este tipo ilustra mais uma evolução formal baseada em protótipos Alto Imperiais, fabricada na Hispania desde o desencadeamento da actividade oleira de *terra sigillata*, especialmente em Trício.

No Baixo Império as características genéricas deste prato, podem observar-se na maior abertura das paredes, agora sem moldura externa, que passam a apresentar na superfície interna, nomeadamente na ligação da parede com o fundo, uma meia cana abaulada ou quase plana, apresentando uma marcada ruptura com os exemplares mais antigos com paredes pequenas molduradas externamente e meias canas bastante pronunciadas.

Cronologicamente, Mezquíriz situa esta forma entre o séc. I e o séc.IV d.C., baseando-se essencialmente na estratigrafia de Pamplona (1985, p.148). Paz Peralta, também estende esta forma até meados do séc. IV, pela sua presença em níveis arqueológicos de época tardia em Turiaso ou Pompaelo, uma datação coincidente com o final da produção de Dragendorff 27, com a qual formaria um serviço.

No entanto, esta atribuição não é unânime, dado que, Françoise Mayet, enquadra materiais de Conímbriga, com estas características, em contextos da época de Trajano, “por considerar que no es prueba suficiente que fragmentos de esta forma se encuentren asociados a monedas del siglo IV y que los barnices anaranjados tampoco son definitorios” (Paz Peralta, 1991, p.61). Por sua vez, Juan Tovar, considera inconsistente o prolongamento da datação desta forma pelo séc.IV, indicando apenas a sua sobrevivência “hasta finales del siglo III o primeros años del IV” para os materiais de Quintanilla de La Cueva (2000, p.49). Este autor, alude para o facto de que, tanto em Pamplona como em Turiaso, esta forma surgir em contextos estratigráficos duvidosos, revolidos ou de acumulação, sendo que em escavações bem datadas deste período, esta forma é ausente, como é o caso da Villa de Los Moros e em La Olmeda, onde a TSHT é tão abundante. Por outro lado, as características morfológicas comumente aceites como tardias aparecem logo no séc.II, e por todo o séc.III, situação verificada em Arcóbriga e Arcaya, sendo que mesmo o prato encontrado em Numancia, indicado por Paz Peralta como tardio possui características presentes já no séc. III (Juan Tovar, 2000, p. 48 e 49).

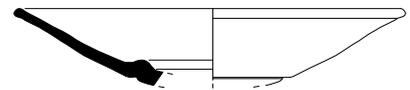
Estas são as características dos dois exemplares recolhidos das duas campanhas que se realizou em Terronha, sendo que, curiosamente este perfil aberto e o aumento dos diâmetros tem sido considerado por alguns autores, como mais um dos indicadores da influência norte africana sobre esta nova vaga de produção



hispanica (López Pérez, 2004, p.391). Apenas um dos exemplares permitiu aferir diâmetro no bordo, medindo cerca de 230 mm, sendo que no segundo caso, se estima apenas o diâmetro retirado a partir da sua meia cana, de cerca de 160 mm.

Os fabricos identificados dizem respeito ao Grupo I e Grupo II, são bem depurados, com pastas finas de tom salmão, o engobe encontra-se bem conservado no caso do nº 2029, de tonalidade alaranjada bem aderente e de brilho mate. Estas características são coniventes com o que vem sendo assumido para outros sítios, possivelmente associados às produções de La Rioja.

Em Mérida, no solar do Templo de Diana, é indicada a existência desta forma em TSHT (Álvarez Martínez e Nogales Basarrate, 2003, p.340), assim como a encontramos em número abundante, cerca de 28,3% das peças identificadas, em A Coruña, sendo apenas superada pela Drag. 37 tardia (López Pérez, 2004, p.391), em Valdeorras (Menéndez Llorente, p.81) ou mesmo em Santarém por apenas um exemplar (Viegas, 2003, p.196 e 197). A identificação deste prato em Clunia, como “hispanica avanzada” (Tutset i Bertrán e Buxeda i Garrigós, 1995, p.361), inserindo-se numa etapa intermédia, leva-nos a enquadrar igualmente as nossas peças nesta etapa, mais precisamente no séc. III d.C., datação que parece concordante com tudo o que aqui foi enunciado, sendo possível e com base em estudos recentes prolongá-la até inícios do séc. IV d.C.



Quadro Descritivo III – Estampa II

Nº de Inventário	Ano	Sector	U.E.	Forma	Nº de fragmentos	Fragmento	Diâmetro do bordo	Altura	Espessura da peça	Cor	Cor 2	Brilho	Espessura	Homogeneidade	Cronologia
2029	5	B	23	Drag.15 /17	4	bordo/boto	230	49	6	10R 5/8	2.5YR 5/8	mate	espesso	homogéneo	III d.C.-IV (inícios)
938	4	B	5	Drag.15 /17	3	bojo	-	-	7	10R 7/6	2.5YR 5/8	mate	fino	homogéneo	III d.C.-IV (inícios)

3.3.1.4. Forma 5 (Mezquíriz, 1961; Paz Peralta, 1991) / Forma 6 (Mezquíriz, 1985) / T.S.H.T. 8 (Palol, 1974)

Esta atribuição tipológica associa-se a uma taça de paredes troncocónicas, por vezes praticamente semi-esféricas, com bordo em aba geralmente decorado, recordando as formas gálicas tardias ou mesmo algumas formas norte africanas em Clara C, ainda que, o seu resultado final resulte num “prodotto tipicamente hispano” (Mezquíriz, 1985, p.145).

De acordo com Paz Peralta, esta forma surge frequentemente em sítios onde se exumou igualmente a forma 6 e 83, sugerindo a hipótese de que estes pratos fizessem serviço com esta taça (1991, p.73). Para Mezquíriz, fará mais sentido associá-la ao prato Hispanica 4, que testemunha bastantes similitudes com esta taça (Hispanica 5), apenas contrastados pela diferença de diâmetros (1961, p.76).

Será, efectivamente, a aba que possibilita a distinção entre as três variantes identificadas por Palol e Cortés (1974, p. 131). Em Terronha de Pinhovelo esta forma surge documentada por dois indivíduos, na variante 8 A, cuja aba recebe decoração rouletada.

Estes dois exemplares reconhecidos em Terronha de Pinhovelo possuem os diâmetros reduzidos, situados entre os 100 mm e os 116 mm, geralmente assumidos para este tipo de morfologia. Não possuímos mais do que a aba em qualquer dos exemplares, assim como, não verificamos nenhum resquício de engobe conservado, no entanto, tratam-se de peças enquadráveis no grupo III.

Para além do seu aparecimento na *villa* romana de La Olmeda, é também documentada em Zaragoza, nomeadamente na variante B e C, ou seja, com decoração estampada sobre a aba ou lisa. Para Paz Peralta a existência ou não de decoração possui uma relevância cronológica, mais antiga para as peças lisas e mais tardia para as decoradas, que “comienza a realizar en fechas posteriores al siglo IV” (1991, p.69).

Esta forma está presente em Santarém, em dois exemplares, um deles apresentando um *guilhoché* grosseiro, à semelhança do nosso (Viegas, 2003, p.197), em Mérida (Álvarez Martínez e Nogales Basarrate, 2003, p.340),



e em Conímbriga, nos exemplares de “formes avec marli” (Delgado, 1975, p.319, nº13 a 17). Peças correspondidas com a Hispânica 5, foram também exumadas em *Petavonium* (Carretero Vaquero, 2000, p.436 e 437) e na Nespereira (Diogo, 1982, p.270).



Quadro Descritivo IV – Estampa I

Nº de Inventário	Ano	Sector	U.E.	Forma	Nº de fragmentos	Fragmento	Diâmetro do bordo	Altura	Espessura da peça	Cor	Cor 2	Brilho	Espessura	Homogeneidade	Cronologia
659	5	B	1	Hisp. 5	1	bordo	100	5	4	2.5YR 5/6	-	-	-	-	IV-V
426	4	B	1	Hisp. 5	1	bordo	116	11	5	2.5YR 5/6	-	-	-	-	IV-V

3.3.1.5. T.S.H.T. 9 e T.S.H.T. 11 (Palol 9 e 11, 1974)

Este agrupamento, tipifica duas formas bastante similares, identificadas por Palol e Cortés, que se associam a uma taça de características bastante diversificadas. Esta, pode ter uma maior ou menor curvatura das paredes, marcadas ora por uma canelura, ora por uma inflexão responsável pela apresentação de bojos carenados.

As raízes da forma 11, poderiam, segundo Palol, resultar de uma evolução da forma 44 ou mesmo da hispânica 24/25, no entanto, esta filiação não é aceite por Mayet ou Mezquíriz, principalmente no que concerne a esta última forma. Juan Tovar soluciona este problema, afirmando que “ambas formas puedan ser una sóla perteneciendo a distintos momentos en la evolución de este cuenco” (Juan Tovar, 2000, p. 81).

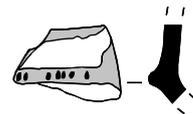
Esta morfologia parece perdurar, pelo menos, até ao séc. IV, momento em que surge a forma 9, que para alguns autores sugere ascêndia na forma Rigoir 15b ou 16. Admitindo esta hipótese, teríamos que refutar a longevidade da forma 24/25, ou, pelo contrário, tal como admite Juan Tovar, poderíamos estar perante uma 24/25 em que se teria perdido a emolduração externa para dar lugar a uma carena pronunciada por influência das produções gálicas.

Notoriamente, poderíamos ver em Conimbriga a resolução para este problema, onde se observa em níveis de destruição datados do séc. V, uma peça em que a moldura externa já não existe para ser substituída por uma fina canelura (Juan Tovar, 2000, p. 84 e 85).

Juan Tovar agrupa estas formas, subdividindo ainda a Palol 11 em duas variantes A e B, consoante o perfil das paredes e a molduração externa, nuances que, segundo o autor, apesar de não possuírem entre si necessariamente um diferente enunciado cronológico, “parece darse, de manera más clara que en otras formas, una ciérta relación evolutiva entre los distintos grupos (Juan Tovar, 2000, p.81).

Em Terronha estas precisões tipológicas não são identificadas, uma vez que, o único exemplar que possuímos desta forma, associado com a pasta de tipo II, possui apenas a parede moldurada do bojo decorada por pequenas incisões, pelo que, apesar de não sabermos concretamente a orientação correcta das suas paredes, poderíamos mais provavelmente encontramo-nos perante uma Palol 11, nomeadamente na variante A de Tovar, bastante presente em níveis do séc. IV d.C., sendo caracterizada por bordos rectos ou ligeiramente encurvados, corpos relativamente encurvados emoldurados externamente, um pouco à semelhança da forma 24/25 (Juan Tovar, 2000, p.84). No entanto, considerámos prudente a ponderação sobre a forma 9, que possui igualmente perfis moldurados, ainda que mais suaves, situados genericamente no séc. V.

Esta tipologia (a forma 9 e 11) está presente em Quintanilla de La Cueva e em Mérida (Juan Tovar, 2000, p.84-86). Na província de Zaragoza, apenas sob a forma 11 (Paz Peralta, 1991, p.99-103), ainda que, tal como refere Tovar, esta atribuição nos pareça duvidosa, uma vez é associada a uma peça carenada, representativa da forma 9. Em La Olmeda, aparece em ambas as morfologias (Palol e Cortes, 1974, 132). Também a verificamos em Conímbriga, inserida nos referidos níveis datados de 465/468, destacando-se o fragmento nº 10, muito similar ao nosso (Delgado, 1975, p.320). No Concelho de Fronteira, parece enquadrar-se na forma 9 um exemplar de São Pedro (Carneiro e Sepúlveda, 2004, p.445).



Quadro Descritivo V – Estampa I

Nº de Inventário	Ano	Sector	U.E.	Forma	Nº de fragmentos	Fragmento	Diâmetro do bordo	Altura	Espessura da peça	Cor	Cor 2	Brilho	Espessura	Homogeneidade	Cronologia
1946	5	B	47	Palol 9/11	1	Bojo	-	-	4	10R 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	III-V d.C.

3.3.1.6. Forma 83 (Paz Peralta, 1991)/ Forma 6 (Mezquíriz, 1961)/ Forma 77 (nº4 e 6) (Mezquíriz, 1985)/ T.S.H.T. 5 (Palol, 1974)

Esta é uma das morfologias encontradas em Terronha de Pinhovelo que testemunha de forma mais expressiva, o desentendimento tipológico por que tem passado a TSHT. De facto, o nº 2280, pode ser atribuído a diversas nomenclaturas, que sendo equivalentes entre si, espelham a falta de homogeneidade tipológica na caracterização desta cerâmica.

Num primeiro momento, a tipologia organizada por Mezquíriz, contemplava a forma Hispânica 6, um prato de parede curva. No entanto, a identificação de morfologias carenadas e a sua inclusão nesta forma, tornou-a obsoleta, pelo que Palol a reagrupa na T.S.H.T. 5. Mais tarde, Mezquíriz volta a remexer esta forma, subscrevendo estes pratos carenados à sua forma 77. Com Paz Peralta, estas morfologias adquirem identidade nas formas 82 e 83, com variantes para cada uma delas (Juan Tovar, 2000, p.68).

Por conseguinte, enquadrámos na forma 83 de Paz Peralta, um indivíduo exumado em Terronha de Pinhovelo. Como características fundamentais deste prato, temos a parede curva, bordo moldurado, cujo perfil diferencia a variante A da B, e pé pequeno, recebendo frequentemente decoração estampada na sua base. O exemplar que descrevemos, enquadra-se na variante A do referido autor, destacando-se pela apresentação de um bordo de perfil triangular e parede encurvada baixa, bastante semelhante com a Hayes 61 A.

Curiosamente, a pasta em que se encontra documentado, insere-se no Grupo III, associada às produções da bacia do Douro que se assemelham às técnicas de produção da *terra sigillata* clara. Em Conímbriga ela surge bem representada em pastas com estas características, já Paz Peralta, identifica as peças de Zaragoza como pertencentes ao seu conjunto A, que associa às produções de La Rioja. No entanto, é o próprio Paz Peralta que comenta, ao referir-se à forma 77 que não se pode por de lado um possível fabrico meseteno (Paz Peralta, in López Pérez, 2004, p.405), chegando a identificar um exemplar de T.S.H.T. 5 no seu conjunto B, associado ao Vale do Douro, não se percebendo qual a distinção desta forma com a Hisp. 83, dado que este exemplar não se encontra representado em nenhuma estampa (Paz Peralta, 1991, p.162).

Segundo Paz Peralta, as estratigrafias de Zaragoza assinalam o séc.IV d.C., para emergência das duas variantes (bordo triangular e bordo espessado para o exterior), dado que, não se conhecem exemplares datados de níveis anteriores. Contudo, este reconhece ainda, que a variante A se poderia ter começado a fabricar numa primeira fase – “Esto indica que ambos os platos debieron comenzar a fabricarse al mismo tiempo, el tipo A puede ser el primero (...)” – não se percebendo afinal qual chega a ser a opinião do autor. O *terminus* deste fabrico é dirigido para os finais das produções hispânicas.

Por conseguinte, o diâmetro de 194 mm, enquadra-se no estabelecido, que se situa entre os 160 e 270 mm nos exemplares recolhidos por Paz Peralta (Paz Peralta, 1991, p 89), ou se estende até aos 350 mm, se atendermos aos exemplares recolhidos em La Olmeda (Palol e Cortés, 1974, p.127), o que contraria a posição de Françoise Mayet que vê nesta forma a representação de tigelas em que os diâmetros não ultrapassariam os 200 mm (Mayet, 1984, p.253).

Para além de Zaragoza, esta forma encontra-se amplamente distribuída, marcando presença entre os exemplares de Conímbriga, nomeadamente na peça nº21, muito similar à nossa (Delgado, 1975, p.330) e em Mérida (Juan Tovar, 2000, p.70), sob a nomenclatura Palol 5, em A Coruña com a forma 77 (López Pérez, 2004, p.405 e 406), em Valdeorras sob a forma de Palol 5 (Menéndez Llorente, 2000, p.81). Na Ammaia e em Idanha-a-Velha, Vítor Pereira, classificou diversos exemplares como Hispânica 6, no entanto, estes são já



exemplares bem distantes da morfologia que o nosso apresenta, embora pensemos que talvez se pudesse enquadrar a peça apresentada na Estampa LXVIII, nº 278, correspondente a Idanha, dentro da morfologia da forma 83, na variante B (2006, p.53 e 102).



Quadro Descritivo VI – Estampa II

Nº de Inventário	Ano	Sector	U.E.	Forma	Nº de fragmentos	Fragmento	Diâmetro do bordo	Altura	Espessura da peça	Cor	Cor 2	Brilho	Espessura	Homogeneidade	Cronologia
2280	5	B	1	Hisp. 83	2	bordo	194	13	6	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homog	Deo IV-V

3.3.1.7. Forma 7 (Paz Peralta, 1991; Mezquíriz, 1961/1985)

Esta forma insere todas as tampas encontradas para esta cerâmica (exceção da tampa Ludowici Tb), sendo usualmente entendida como fazendo serviço com a forma Dragendorff 44. Na obra de Paz Peralta, o autor, subdivide a Hispânica 7, nomeadamente, entre três variantes sem aparente ordenação cronológica. Estas variantes, seriam distinguidas consoante a fisionomia do bordo. O tipo A teria bordos arredondados, o tipo B, ilustraria bordos exvasados e arredondados, e por fim, o tipo C seria caracterizado por um perfil triangular, o que para Paz Peralta seria considerado uma morfologia intermédia entre a variante A e B.

Pela nossa parte, julgamos que a variante C possui um perfil bem destacado, que talvez mesmo por isso, merecesse mesmo uma singularização em nova forma. É nesta variante que verificamos dois dos exemplares exumados nas escavações de Terronha, ambos pertencentes ao Grupo de fabricos III, com fraca conservação de engobes, sendo apenas possível identificar diâmetro em uma peça, que mede 166 mm, estando assim dentro da regularidade desta variante.

A forma 7, encontra-se representada em níveis datados do séc. III e IV, nomeadamente em Tarazona, Borja e Estanca. No entanto, em *Iuliobriga* foi recolhido um exemplar datado de finais do séc. II, inícios do III (Paz Peralta, 1991, p.77), embora para autores como Tovar esta forma seja típica do Alto Império, sendo dificilmente identificada em níveis do séc. III.

No entanto, esta forma pode ser identificada em sítios de cronologia tardia, como Zaragoza (Paz Peralta, 1991, p.76 e 77), Quintanilla de La Cueva (Juan Tovar, 2000, p.51) e em Fronteira (Carneiro e Sepúlveda, 2004, p.446). Em Valdeorras está bem documentada, ainda que a autora apenas as designe por tampas, aparecendo em todos os grupos de fabrico (à exceção do I.B.) definidos pela autora (Menéndez Llorente, 2000, p.81).

Quadro Descritivo VII – Estampa II

Nº de Inventário	Ano	Sector	U.E.	Forma	Nº de fragmentos	Fragmento	Diâmetro do bordo	Altura	Espessura da peça	Cor	Cor 2	Brilho	Espessura	Homogeneidade	Cronologia
1949	5	B	47	Hispan. 7	1	bordo	166	16	6	2.5YR 5/8	-	-	-	-	III-IV d.C.
2005	5	B	47	Hispan. 7	1	bordo	-	14	4	2.5YR 5/8	-	-	-	-	III - IV d.C.

3.3.1.8. Forma 74 (Mezquíriz, 1985)/ T.S.H.T. 4 (Palol, 1974; Paz Peralta, 1991)

Este modelo de prato diz respeito a mais uma das incongruências existente entre as tipologias de TSHT, inconformidades que acabam por tornar o seu estudo mais complicado e moroso. Por isso, importa agora retratar a evolução da sua identificação para assim podermos proceder à sua caracterização.

O seu aparecimento nos sítios arqueológicos foi primeiramente correspondido com a designação de forma 49 numa numeração atribuída por Mezquíriz (1961). Após esta primeira designação, coube a Palol a alteração da



sua nomenclatura, inserindo-a com o número 4 da sua tipologia (Palol-Cortés, 1974). Por último, é novamente Mezquíriz, quem a volta a alterar, adoptando por fim a designação de forma 74 (1985).

Nesta forma, é gritante a heterogeneidade de morfologias abarcadas sob uma mesma designação, divergindo consoante a apresentação de uma aba de maior ou menor comprimento, plana ou encurvada, por vezes com caneluras e com espessuras muito variáveis. Por sua vez, as paredes destas peças são recurvadas e geralmente apresentam fundos planos ou com pé muito reduzido, podendo receber no seu interior uma gramática decorativa estampada. É esta a razão que leva a que Juan Tovar as subdivida em diversas variantes, propondo mesmo a sua individualização futura – “que deberían en futuro considerarse como formas distintas cuando se aborde una revisión general de la hispánica tardia y se conozca un mayor volumen de datos” (Juan Tovar, 2000, p.63).

Sem que traduzam necessariamente uma sequência temporal, elas são agrupadas por Juan Tovar, na variante A, B e C, alterações que poderiam antes indicar uma distinta utilização, marcada pela alteração na estrutura de apoio destes pratos (Juan Tovar, 2000, p.63).

Na prática, a atribuição destas variantes acarreta bastantes problemas, dado que, estas variantes estabelecidas por Juan Tovar, apenas se conseguem distinguir em exemplares com perfis completos ou praticamente completos em conjugação das três variáveis: bordo, paredes e fundo. Julgamos também ser necessária uma maior reflexão sobre a variante B, praticamente indistinta entre a A e a C, sendo bastante similar com a forma Palol 3, que recebe precisamente as mesmas influências.

Desta forma, lográmos a identificação da variante A, no exemplar nº 2241, com pasta inserida no Grupo III, que apesar de ser apenas constituído apenas por uma aba plana, possibilita a sua identificação pela apresentação de uma extremidade arredondada bastante espessa e ligeiramente inclinada, adquirindo um diâmetro de cerca 250 mm, enquadrável nas medidas médias, mais comuns, estipuladas por Juan Tovar para pratos deste tipo (2000, p. 66). É também possível que um fundo com o nº 2037, tenha pertencido a esta variante, dado que ainda possui um pequeno pé e um sulco bem pronunciado na sua superfície interna, algo similar, com o exemplar referido por Palol, na figura nº 66 de La Olmeda (Palol, Cortés, 1974, p.130), no entanto esta é apenas uma possibilidade.

De classificação morosa, revelou-se um grupo de pratos com características comuns, tanto com a forma Palol 3, como com a forma Palol 4, possivelmente na variante B, caracterizados pelos exemplares de filiação mais próxima com a Hayes 59, com bordos em aba, ligeiramente reclinados, que recebem frequentemente finas caneluras e paredes recurvada baixas. É precisamente o facto de julgarmos a filiação com a forma Hayes 59, mais próxima da Palol 4 e não com a Palol 3, que nos conduziu à adopção desta forma em detrimento da Palol 3, com bordos mais reclinados e frequentemente planos, que recebem frequentemente a decoração em *guilhoché* tão frequente do prato africano designado por Hayes 45, o contrário dos nossos exemplares. No entanto, Juan Tovar admite igualmente uma associação entre a Palol 3 e a Hayes 59, efectuada, nomeadamente sobre dois exemplares, um encontrado na villa romana de Prado de Valladolid e outro em Pinhel de Abajo, que de acordo com o autor representariam uma simbiose entre a forma Palol 3 e a forma Palol 4 (Juan Tovar, 2000, p. 60). Com efeito, Juan Tovar, considera que “la fecha de início de producción del plato norte africano, -230/240 d. C - nos parece demasiado temprana para una posible réplica hispánica, que nunca se ha datado en contextos del siglo III, sólo el tipo 45 C (...)” (Juan Tovar, 2000, p.60).

No entanto, achamos prudente manter a associação efectuada por Palol, em 1974, reiterada depois por Paz Peralta em 1991, onde se alude para o facto de que a Palol 3 seria uma imitação inequívoca da forma Hayes 45, associando antes a forma 4 à Hayes 59 de fabrico africano. Aliás, são evidentes as semelhanças físicas entre um prato e outro, não nos parecendo coerente a hipótese de Tovar, que insiste em agrupar sob a Palol 3, dois pratos que nos parecem bastante discrepantes.

Se tivermos presente esta associação, consideramos correcta a inserção dos cinco exemplares de Terronha, que associámos a esta tipologia, reafirmando uma vez mais a similitude entre uma forma e outra que não nos parece diferenciável apenas pela inclinação das paredes como insiste Juan Tovar. Será o próprio autor a admitir “un origen común” entre estas duas tipologias (Juan Tovar, 2000, p.60), o que nos leva a discutir a razão para a sua diferenciação.



As peças inseridas nesta morfologia possuem pastas frequentes nesta forma, respeitantes ao nosso Grupo III, com diâmetros situados entre os 290 mm e os 39 mm. A destacar, temos ainda o exemplar nº 2057, cujo topo da aba recebeu a decoração de uma fina linha ondulada incisa.

Pensamos também poder enquadrar na variante C, três indivíduos, compostos por um bordos bastante espessos em toda a sua aba, arredondados na sua extremidade e paredes encurvadas, ao que tudo indica não carenadas, como acontece em alguns casos desta forma. Os diâmetros abrangidos nas nossas peças, demonstram a presença de peças inseridas nas dimensões desta forma, ainda que sejam expressivos de peças de diâmetros grandes, situados por volta dos 400 mm, à semelhança do que se observa em Conímbriga (Mayet, 1984, CCXLII, nº36).

Estas peças são também bastante similares com as peças observadas por Paz Peralta, exemplo nº 369, nº 370 e nº 371 (1991, p.163), enquadráveis no grupo inserido no conjunto B, de pastas alaranjadas assimiláveis ao área de produção do Douro, à semelhança do que pensamos para as nossas peças. Em La Olmeda estes pratos são também frequentes, bastante semelhantes com os nossos e igualmente relacionados com as produções do Douro, num conjunto, que curiosamente, possui a mesma conservação de engobe que os nossos, “falta de barnices y el mal estado de conservación” (Palol e Cortés, 1974, p.124), excluindo, portanto a peça nº 2241 com um engobe bem conservado e aderente.

Podemos ainda encontrar reminiscências a forma Rigoir 1, no bordo ligeiramente inclinado e no fundo plano de alguns exemplares, razão que nos levou a inserir o fundo nº 2240 nesta tipologia (Juan Tovar, 2000, p. 66). Os restantes exemplares, pelo diminuto tamanho que apresentam não são passíveis de inserção numa ou noutra variante.

Estes pratos representam dezasseis indivíduos do conjunto total de TSHT e são maioritariamente constituídos por pastas do Grupo III, com exceção de um exemplar respeitante ao grupo II. Paz Peralta associa igualmente alguns indivíduos desta tipologia ao seu fabrico A (1991, p.99).

De acordo com Juan Tovar, esta forma enquadra-se nos conjuntos conhecidos em níveis frequentemente associados ao séc. IV e V, uma datação que não se dissocia muito da forma Palol 3. Este investigador, explica o desencadeamento da produção destes grandes pratos pela invasão dos produtos africanos nos mercados hispânicos em torno do terceiro quartel do séc. IV. Esta produção prolongar-se-ia em torno do séc. V, sendo difícil determinar o *terminus* da sua produção (2000, p.60 e 68).

Este é o modelo de prato mais representado em Terronha de Pinhovel, com grande abundância nos sítios arqueológicos tardo-romanos, como citado, em Quintanilla de La Cueva (Juan Tovar, 2000, p.62-68), La Olmeda (Palol e Cortés, 1974, 124-127) e Conímbriga (Delgado, 1975, pl.LXXXV), ou por exemplo, em Valdeorras, onde são visíveis peças com idênticas características, igualmente atribuídas a esta forma, maioritariamente incluídos no Grupo II da autora, referente às oficinas estabelecidas na bacia do Douro (Menéndez Llorente, 2000, lám. XXII e XXIII, nº 296-302). É também possível a sua existência nos conjuntos de Fronteira, no entanto, esta referência é apenas levantada a título de hipótese, dada a exiguidade do fragmento (Carneiro e Sepúlveda, 2004, p.445). Poderia igualmente dizer respeito ao fragmento que Luísa Ferrer Dias aponta como pertencente a TSHT da Villa Romana de Povos, aproximando o seu exemplar da forma africana Hayes 59, encontrado num nível do séc. V (1995-1997, pág. 19, Estampa 1, nº 21).



Quadro Descritivo VIII – Estampa IV e XI

Nº de Inventário	Ano	Sector	U.E.	Forma	Nº de fragmentos	Fragmento	Diâmetro do bordo	Altura	Espessura da peça	Cor	Cor 2	Brilho	Espessura	Homogeneidade	Cronologia
2056	5	B	37	Palol 4 B	1	bordo/bolo	390	35	9	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV - V d.C.
2057	5	B	37	Palol 4 B	4	bordo/bolo	390	24	9	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV - V d.C.
2055	5	B	37	Palol 4 B	1	bordo/aba	290	13	8	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV - V d.C.
2061	5	B	37	Palol 4 B	1	bordo/bolo	356	24	8	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV - V d.C.
2037	5	B	41	Palol 4?	1	bojo/fundo	-	-	12	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	espesso	ñ homogéneo	IV - V
789	4	B	2	Palol 4 C	2	bordo/bolo	400	23	7	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV - V d.C.
2240	5	B	4	Palol 4 A/B	1	fundo	240	25	12	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV - V d.C.
2243	5	B	4	Palol 4 C	1	bordo/aba	270?	-	10	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV - V d.C.
2331	5	B	36	Palol 4	1	bordo/aba	-	-	7	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV - V d.C.
2343	5	B	36	Palol 4	1	bordo/aba	-	-	4	10R 5/8	-	-	-	-	IV - V d.C.
2477	5	B	4	Palol 4 B	1	bordo/bolo	?	28	9	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV - V d.C.
2268	5	B	1	Palol 4 ?	1	bordo/aba	-	-	7	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV - V d.C.
796	4	B	8	Palol 4 C	1	bordo/bolo	390	25	10	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV - V d.C.
2241	5	B	4	Palol 4 A	1	bordo	250	11	7	2.5YR 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	IV - V
2345	5	B	36	Palol 4	1	bordo/aba	-	-	7	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV - V d.C.
2272	5	B	1	Palol 4 ?	1	bordo/aba	-	-	7	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV - V d.C.

3.3.2. As Formas Decoradas

3.3.2.1. Dragendorff 37 t. / Forma 37 t. (Mezquíriz, 1961 e 1985; Paz Peralta, 1991) / Grupo 37 (Palol, 1974)

Aqui retratamos a peça, que sem dúvida marca presença em todos os conjuntos de TSHT. A sua expressividade é assinalável em todos os sítios observados, sendo que, em Terronha de Pinhavelo, domina o conjunto de importações de hispânica tardia, mesmo se a compararmos com a aquisição de peças lisas desta mesma produção, o que não deixa de sublinhar o carácter singular que envolve o processo comercial dos produtos hispânicos tardios, dado que em outros conjuntos de *terra sigillata*, a aquisição de peças lisas ganha relevo no conjunto de produções.

A sua presença incontestável, mascara também outra realidade, dado que as suas características marcadamente hispânicas não conseguem ser ignoradas, mesmo nos estudos mais antigos, não sofrendo por isso dos mesmos condicionalismos que levaram com que outras formas de TSHT fossem facilmente confundidas com as restantes produções de *terra sigillata*. Assim sendo, e como não poderia deixar de ser, esta forma acompanha desde cedo, a polémica definição tipológica entre os vários autores que se debruçam sobre estas evidências do registo material.

Compreendamos portanto, o próprio processo, por si só também histórico, que esta morfologia sofreu em cada tipologia que se estabeleceu. Uma vez mais, vemos que o primeiro estudo sistemático que a englobou foi realizado por Mezquíriz em 1961, onde são acompanhadas por uma primeira ordenação da gramática decorativa que compõe estas peças tardias. Nesta tipologia a investigadora optou pela designação de “Forma 37t”, que derivava da crença, em período tardio de uma evolução dos protótipos hispânicos Alto Imperiais presentes na forma 37 A.



É precisamente este aspecto, o da sua origem, que desencadeia o desacordo entre as várias tipologias. Em 1984, Françoise Mayet, dá corpo a uma nova seriação destes materiais, contrariando a anterior proposta, considera esta terminologia contestável, “car cette forme n’a parfois qu’un rapport lointain avec les bols Dragendorff 37 du Haut-Empire”, interpretando-a antes como uma descendência enunciada pelo sincretismo entre as formas Drag. 29, 27 e 37 antigas (Mayet, 1984, p. 257). Partilhando a mesma opinião que Françoise Mayet, Palol refere as diferenças entre a forma 37 do Alto Império e a denominada 37 do Baixo Império – “en realidad difiere bastante de ella en el sentido de que sólo conserva el cuerpo semiesférico, de perfil sinuoso seguido, mientras que el breve cuello de la 37 clásica se ha desarrollado de forma excesiva y se abre en esquema de embudo” (Palol e Cortés, 1974, p139).

À semelhança de Mayet e Palol, López Rodríguez confia igualmente nos enunciados expostos, defendendo a existência de uma “ruptura real en la tradición alfarera hispánica”, por causas ainda indeterminadas mas que se devem relacionar com a pressão exercida pela entrada dos produtos africanos nos mercados hispânicos (López Rodríguez, 1985, p.32).

No entanto, apesar destas críticas, estes autores optaram por continuar a nomear esta forma pela primeira designação atribuída, fortemente enraizada na bibliografia arqueológica, evitando desta forma maiores incorrecções na identificação destas tigelas (Mayet, 1984, p.257; Palol e Cortés, 1974, p139).

Inserindo-se numa ideologia evolucionista, Juan Tovar retoma a hipótese já referida por Mezquíriz, enunciando novos factos que pretendem comprovar a evolução desta forma a partir da sua homónima imperial. Ora um dos pilares das anteriores concepções seria o de “ne pas connaître les formes intermédiaires entre les vases décorés du Haut-Empire et ceux du Bas-Empire” (Mayet, 1984, p. 257), no entanto, Tovar apresenta novos dados fundamentados na escavação de sítios arqueológicos intermédios, como Clunia, Arcaya e em La Serna, onde se recolhe esta tigela em níveis do séc. III, observando-se por isso, aquilo que Juan Tovar vai definir como, “rasgos (...) pretardios”, demonstrando a sua continuidade e colmatando assim o pretendido “período de ruptura” (2000, p.87).

Para Juan Tovar, a supremacia que a Drag. 37 manteria no registo arqueológico do Baixo Império apenas seria conseguida numa forma já conhecida entre os indivíduos que consumiam este tipo de cerâmica. Argumenta ainda, que o conhecimento sobre a evolução de morfologias como a forma 15/17, a forma 6, a forma 24/25 ou Palol 11 poderá no futuro esclarecer este debate em torno de filiações tipológicas.

Posto, isto, acabámos por traçar também as características físicas desta forma, constituída por bordos de morfologia diversa, verticais ou inclinados e fundos hemisféricos, que recebem decoração externa. É esta heterogeneidade que vai levar Palol a definir nuances internas, pela atribuição das variantes, A; B; C e D. Também aqui, se levantam, vozes contraditórias, personificadas, nomeadamente por Françoise Mayet e López Rodríguez que consideram incorrecta a definição de variantes baseada em apenas um aspecto morfológico, como o bordo, não contemplando nem as várias técnicas de decoração desta forma, nem os possíveis grupos de produção (Mayet, 1984, p.257; Lopez Rodriguez, 1985, p.22). Por outro lado, também uma hipotética denominação como forma 29/37, fundamentada essencialmente pela apresentação da carena externa, se considera inadequada, correndo o risco de aceitar a forma 29 que não sobrevive em período tardio (López Rodríguez, 1985, p.22).

Paz Peralta reorganiza a forma 37t, de acordo com variantes baseadas no perfil e na morfologia da peça, procurando um concílio entre as classificações de Palol, Mezquíriz e López Rodríguez. Nesta proposta, Paz Peralta volta a utilizar as iniciais A e B, para diferenciar, os exemplares de colo hemisférico, com tendência para a verticalidade e bordos lisos dos exemplares de colo exvasado, com bordos espessados ou aplanados, respectivamente (1991, p.117).

Se atendermos a esta reorganização teríamos tendência para agrupar todos os indivíduos identificados em Terronha de Pinhovel, como pertencentes à variante B, dado que a orientação de todos eles sugere uma grande inclinação das paredes. No entanto, apresentam igualmente morfologias muito variadas, que consideramos que não podem ser ignoradas, pelo que considerámos útil a utilização da nomenclatura de López Rodríguez (1985), à semelhança do que foi recentemente efectuado por López Pérez no estudo da forma 37t. da província de A Coruña (2004, p.382).



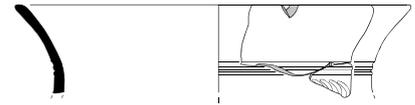
Deste modo, podemos caracterizar os vinte e três bordos presentes nesta categoria da seguinte forma: bordos simples e sem lábio (5 NMI); bordos com lábio espessado para o exterior (14 NMI) e por fim, por bordos com lábio plano (3 NMI). Os corpos conservados sugerem perfis simples, exvasados, sendo que o nº 653, permite a identificação de um perfil em S, com caneluras a meio do corpo que marcam o início de uma decoração em lúnulas ou semi-círculos ou círculos incompletos do tipo 1B/23, inserido no estilo de “Rosetas y Motivos Circulares” de López Rodríguez (1985, p.53), que pode ter ocupado uma composição em friso ou inserida em motivos circulares.

Por sua vez, lográmos também a identificação de dois fundos com perfis côncavos e pés pequenos, sendo que, um é composto por base plana e ainda não adivinha nenhuma decoração (nº1967), pelo menos na parte conservada e outro possui uma base com moldura tipicamente hispânica, exibindo uma decoração em ângulos ou *chevrons*, possivelmente um remate inferior da decoração principal, do tipo 2B/1 dos “temas seriados sin fin” de López Rodríguez (1985, p.67). Possuímos ainda um bojo classificável por uma parede com uma inflexão pronunciada que denuncia decoração na parede externa, no entanto esta encontra-se bastante esbatida, impossibilitando qualquer associação.

Estão aqui presentes pastas de todos os grupos, marcando clara predominância as pastas do Grupo III. Quanto aos diâmetros dos bordos podemos dizer que de uma maneira geral possuímos tigelas de tamanho pequeno, marcadas por diâmetros situados entre os 120 mm e os 230 mm, dimensões semelhantes às encontradas por Paz Peralta, ainda que as peças analisadas por este pudessem estender o seu diâmetro até à quantidade apreciável de 385 mm (Paz Peralta, 1991, p.117).

Esta forma é sem dúvida a mais abundante em todos os sítios arqueológicos, encontrando-se presente, apenas a título de exemplo, em sítios como: Quintanilla de La Cueva (Juan Tovar, 2000, p.86-91), na província de Zaragoza (Paz Peralta, 1991, p. 117-164), em La Olmeda (Palol; Cortés, 1974, 139-142), na província de A Coruña (López Pérez, 2004, p.379-386), nos acampamentos romanos de Petavonium, na província de Zamora (Carretero Vaquero, 2000, p.439-440), em Valdeorras (Menéndez Llorente, 2000, p.79 e 80) ou em Clunia (Tutset i Bértrán e Buxeda i Garrigós, 1995, p.362).

No território português, aparece documentada em sítios como a Alcáçova de Santarém (Viegas, 2003, p.199), Conímbriga (Delgado, 1975, p.319), Ammaia e Idanha (Pereira, 2006, p.54 e 102), em Mirobriga (Quaresma, 1999, p.160), em Fronteira (Carneiro e Sepúlveda, 2004, p. 445 e 446), na Villa do Ameixial, (Gomes; Macedo; Brazuna, 2000, p.62), no conjunto presente no Museu Leonel de Andrade (Sepúlveda; Melim de Sousa; Cordeiro de Sousa, 2003, p.307), na Villa de Santo André de Almoçageme (Sousa, 1992, p.17), na villa romana do Alto da Cidreira (Nolen, 1988, p. 78), em Balsa (Nolen, 1994, p.93), na rua dos Correiros, mais concretamente na área dos edifícios adquiridos pelo BCP (Amaro, 1995, p.36), no conjunto estudado do Museu Machado de Castro por Adília Alarcão (1971, p.78), no Castro de Sacoias e no Castro de Fiães (Cortez, 1951, p.36). Destaca-se ainda a ausência em Terronha de Pinhovelo de Drag.37t decorada com *guilhoché*, habitualmente presente nestes conjuntos.



Quadro Descritivo IX – Estampa III, V e X e XI

Nº de Inventário	Ano	Sector	U.E.	Forma	Nº de fragmentos	Fragmento	Diâmetro do bordo	Altura	Espessura da peça	Cor	Cor 2	Brilho	Espessura	Homogeneidade	Cronologia
2017	5	B	41	Drag. 37	1	bordo	-	15	5	10R 5/8	-	-	fino	-	IV-V
1963	5	B	41	Drag. 37	1	fundo/bojo	-	22	5	10R 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	III-V
922	4	B	20	Drag. 37	3	bojo	-	-	5	2.5YR 7/4	2.5YR 2.5/2	mate	fino	não homogéneo	III-V
1961	5	B	47	Drag. 37	1	bordo	-	-	5	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V d.C.
2019	5	B	41	Drag. 37	1	bordo	21	11	5	10R 5/8	-	-	-	-	IV-V d.C.
63	4	A	2	Drag. 37	1	bordo	16	18	4	10R 5/8	-	-	-	-	IV-V d.C.
2264	5	B	1	Drag. 37	1	bordo	120	18	4	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV-V d.C.
2002	5	B	47	Drag. 37	2	bordo	180	17	5	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V d.C.
2265	5	B	1	Drag. 37	1	bordo	150	19	3	10R 5/8	-	-	-	-	IV-V d.C.
902	4	B	2	Drag. 37	1	bordo	-	-	4	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V d.C.
2271	5	B	1	Drag. 37	1	bordo	-	-	4	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV-V d.C.
797	4	B	2	Drag. 37	1	bordo	-	-	4	10R 7/6	-	-	-	-	IV-V d.C.
1967	5	B	47	Drag. 37	1	Fundo/bojo	-	31	4	10R 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	ñ homogéneo	III-V d.C.
2001	5	B	47	Drag. 37	1	bordo	-	-	4	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V d.C.
1959	5	B	47	Drag. 37	1	bordo/parade	224	23	4	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV-V d.C.
654	4	B	2	Drag. 37	1	bordo	23	10	3	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V d.C.
2314	5	B	1	Drag. 37	1	bordo	220	22	3	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV-V d.C.
2252	5	B	4	Drag. 37	1	bordo	160	12	3	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	espesso	homogéneo	IV-V d.C.
2036	5	B	41	Drag. 37	1	bordo	230	16	4	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	III-V d.C.
2035	5	B	41	Drag. 37	1	bordo	160?	18	4	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	III-V d.C.
2018	5	B	41	Drag. 37	1	bordo	-	-	4	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	III-V d.C.
653	4	B	01-Fev	Drag. 37	3	bordo	230	40	5	2.5YR 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	III-V
418	4	A	1	Drag. 37	1	bordo	-	-	3	2.5YR 6/6	-	-	-	-	
672	4	B	2	Drag. 37	1	bordo	-	-	3	10R 5/8	-	-	-	-	
2796	5	B	38	Drag. 37	2	bordo	150	19	5	10R 5/8	2.5YR 2.5/1	mate	espesso	ñ homogéneo	
2007	5	B	47	Drag. 37	1	bordo	-	-	5	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V d.C.



3.3.2.2. Indivíduos de Tipologia Duvidosa com Decoração a Molde:

Foi esta a designação que considerámos mais correcta para abarcar todos aqueles fragmentos cujo perfil conservado não permitia a confinação a uma forma concreta. No entanto, embora saibamos que a forma 42 também atingiu alguma difusão, esta nunca alcançou os patamares da forma Drag. 37t., o que tendo em conta a quantidade de elementos classificáveis em Terronha, em que a única forma decorada é precisamente a Drag. 37, apresentando uma grande lacuna de decorações conservadas resultantes do elevado estado de fragmentação em que se encontram estas peças, consideramos possível a atribuição destes fragmentos à forma 37 A gramática decorativa encontrada neste conjunto pode então ser dividida em:

- Decoração em lúnulas, semi-círculos ou círculos incompletos, bastante finos e compridos, do tipo 1B/23, inserido no estilo de “Rosetas y Motivos Circulares” de López Rodríguez (1985, p.53), composto por nove peças, todas do nosso grupo III, num estilo semelhante ao já observado no bordo nº 653, a que pode igualmente ter pertencido uma composição em friso ou inserida em motivos circulares (**Estampa V**).
- Decoração composta por pequenas lúnulas ora em “Motivos Seriados de pequeños elementos”, no tipo 2 A1/5 (López Rodríguez, 1985, p.59) organizados em faixas horizontais, ora em “Círculos dobles”, no tipo 3 A/2/2. Este conjunto é formado por cinco indivíduos, todos eles pertencentes ao grupo II (López Rodríguez, 1985, p.69) (**Estampa IX**).
- Decoração composta por círculos duplos – “Círculos Dobles”, do tipo 3 A/3/1 (López Rodríguez, 1985, p.69) onde se inserem linhas simples, numa das peças, nº 2012, é possível vislumbrar um motivo que possivelmente efectuará a divisória entre os vários círculos que compunham a peça. Ainda que pareça bastante apagados, parece-nos semelhante ao motivo 3D/40 que compõe os “Grandes Temas Seriados” (López Rodríguez, 1985, p.79) ou seria talvez pertencente a um motivo 1C/26, se considerarmos a zona interna destes ângulos vazia (López Rodríguez, 1985, p.56). Nesta peça, parece-nos ser também possível observar a técnica de compasso descrita por Paz Peralta, “una técnica decorativa totalmente nueva dentro de las decoraciones a molde que se realizaron en el mundo romano”, apresentando marcas do apoio do compasso (Paz Peralta, 1991, p.109). Fazem parte desta descrição dois indivíduos constituídos por pastas do Grupo II (**Estampa IX**, nº 2012).
- Decorações compostas por bastonetes, do tipo 1C/11 apesar de no caso dos nossos exemplares, estas parecerem mais arredondadas. Segundo López Rodríguez, elas encontram-se frequentemente entre motivos circulares que alternam com 1 A e 1B – “Rosetas e Motivos Circulares”, da sua tipologia, sendo que, em algumas das nossas peças é ainda possível ver uma linha separatória entre estas linhas (1985, p.79). Encontra-se também perto dos bastonetes, 2B/18, descrito por López Rodríguez como um possível remate dos temas seriados, no entanto nas nossas peças é possível visualizar várias bandas sobrepostas (1985, p.67). Esta decoração é representada em dez indivíduos, todos eles com pastas pertencentes ao nosso Grupo III (**Estampa VIII**).
- Decoração constituída por linhas simples verticais, do tipo 2 A1/23, que apesar de não terem um aspecto duplo são simétricas entre si, encimadas pelo que parecem ser frisos, incluindo-se por vezes uma faixa ziguezagueante no topo desta mesma decoração, do tipo 2B/28, tratando-se possivelmente de um remate de friso superior de “Motivos Seriados” (López Rodríguez 1985, p.67 e 59). A pequena dimensão destas linhas relembra também os motivos 1C/9, usado em composições do estilo 5 A (López Rodríguez 1985, p.56). Estes motivos aparecem em quatro peças do Grupo III (**Estampa VIII**, primeiros quatro exemplares).
- Decoração inserida no tema dos “Círculos Duplos”, em que se inserem pequenos ângulos ou *chevrons*, do tipo 3 A/1/1-3 (López Rodríguez 1985, p.69). Por sua vez, estes aparecem inseridos em composições mais complexas, associados ao tipo 1C/5 (López Rodríguez 1985, p.69), muito frequente em composições do estilo 5 A/12 (López Rodríguez 1985, p.82), situação que pode ser bem visualizada na peça nº 1980 e na peça nº 2218. No exemplar nº 2309, a exiguidade dos seus fragmentos não permitiu identificar qual seria a sua composição decorativa, no entanto, seria possível que num deles, que se faz acompanhar por um círculo duplo de pequenos ângulos se vislumbrasse a ponta de uma roseta. Possuímos nove peças, inseridas nos três grupos de fabrico por nós elaborados (**Estampa VI**).



• Decoração constituída por “Rosetas e Motivos Circulares” do tipo 1 A/1(ex. da peça nº905); roseta de círculo interno do tipo 1 A/2 (ex. da peça nº 839) e roseta inscrita, do tipo 1 A/4 (ex. da peça nº 2330), ou por círculos de traço grosso, do tipo 1B/2 (nº 1986). Por sua vez, são círculos de linha sinuosa do tipo 1B/7 que envolvem estas rosetas ou o referido círculo (nº 1986 e nº 839). A peça nº 1986 apresenta igualmente entre os círculos de traço grosso enlevados por círculos de linha sinuosa, motivos do tipo 1C/20 que designam elementos de tendência vertical. Possuímos também uma decoração do tipo 1B/4 com círculos de linha simples, na peça nº 1972 (López Rodríguez 1985, p.53-57). Estas decorações são inseridas em seis peças maioritariamente agrupadas em pastas do Grupo II (**Estampa VII**).

• Decoração possivelmente composta por 2 A1/46 ou por 2 A2/10, relativo aos “Temas seriados” (López Rodríguez 1985, p.60 ou 63). No entanto esta decoração é minoritária, sendo constituída por apenas um indivíduo bastante diminuto (nº 1983) com pasta do Grupo III.

De acordo com López Rodríguez, a decoração a molde surge apenas na TSHT a partir do séc.IV, mesmo no que pensa ser o estilo mais antigo, as “Rosetas e Círculos”, atingindo o seu apogeu no séc. V, acompanhando perfeitamente a competição gerada pelos produtos exógenos, no séc. VI perde a sua influência, esbatendo-se por completo no séc. VII (López Rodríguez, 1985, p.141 e 142).

Paz Peralta reúne estas composições em dois estilos, um primeiro estilo, equivalente ao grupo I de Mayet, de filiação no repertório do Alto Império, no qual incluiríamos as nossas rosetas e possivelmente alguns motivos circulares, como os enlevados por círculos de linha sinuosa, com pastas/engobes maioritariamente inseridas no Grupo II. O segundo, constituído pelo grosso do material seria equivalente ao segundo estilo de Mayet, em que incluiríamos peças com ângulos/*chevrons*, lúnulas, círculos duplos de maiores dimensões, bastões e linhas verticais ou zigzagueantes. Esta gramática decorativa Paz Peralta é inspirada em traços novos, sendo por vezes possível verificar nestas peças a utilização de uma nova técnica, inteiramente nova no mundo romano, o compasso.

Ainda que nesta decoração se utilizem pastas do Grupo II, a maior quantidade de peças é produzida em pastas/engobes do Grupo III. A cronologia proposta por Paz Peralta não difere muito da de López Rodríguez, inserindo o primeiro estilo em torno do séc.III, com grande difusão no séc.IV e V, quando convive com o segundo estilo, que perdura até ao séc. VI (1991, 104-113).

Para Tovar, a correspondência assumida por Paz Peralta entre o seu primeiro estilo tardio com as decorações do Alto Império, sublinha ainda mais o carácter contínuo e evolutivo da forma 37t, reflectindo-se o “peso de la tradición alfarera”. Este autor considera que estes estilos são baseados em cronologias incorrectas, fundamentadas em escavações com estratigrafias dúbias, sendo também abusivo o excesso de equivalência destas decorações com o Vale do Ebro. Estas poderão apenas, indicar uma maior orientação dos mapas de dispersão destas decorações para esta zona, dado que, no seu estudo acerca dos motivos 2B/15 e 4/1, se observa uma realidade completamente díspar, concentrada na Meseta, Guadiana e Portugal e sem conhecimento no vale do Ebro. Por sua vez, esta predominância na Meseta, é também verificável na análise que efectuou sobre os motivos 4/2 (Juan Tovar, 2000, p.91).

Mais uma vez, se assiste a um abundante número de propostas interpretativas na ordenação da gramática decorativa que compunha estas cerâmicas de mesa, agravando a sua identificação pelo elevado estado de fragmentação em que as peças de Terronha de Pinhovelo se encontravam. Por isso, apesar das dificuldades encontradas, tentou-se obter o consórcio entre os vários investigadores abordados, identificando estilos e motivos decorativos. Genericamente a difusão destes motivos, encontra-se bastante difundida, sendo reconhecida em praticamente todos os sítios citados nas anteriores morfologias paralelos para a forma Drag. 37t.

3.3.2.3. Indivíduos de Tipologia Duvidosa com Decoração Estampada (Estampas nºX/ Quadro X, fig. 42)

Aqui se englobaram dois indivíduos compostos por fundos com decoração estampada, uma técnica decorativa expressiva da influência que o comércio de produtos africanos exerceu nos mercados hispânicos, embora com a diferença que na TSHT a decoração não se encontra no centro dos pratos, mas numa faixa que efectua a ligação da parede do bojo com a superfície interna do fundo. No entanto, Juan Tovar, sugere a existência de pratos com decoração estampada em período muito recuado, nomeadamente na forma 82, como diz acontecer



com os pratos encontrados em Herrera de Pisuergra, recolhidos no mesmo contexto de uma moeda datada de 270 d.C. Se excluíssemos a hipótese de longevidade desta moeda, encontraríamos necessariamente nestes pratos um exemplo “de que este tipo de estampaciones nada tendrían que ver con las que posteriormente se tomarán de las africanas D. Pratos deste período foram ainda identificados em Trício num contexto de produção oleira, que se pensa amplamente difundido para sítios como Cornisa Cantábrica, vale do Ebro, Mesetas, Levante e Portugal (Juan Tovar, 2000, p.71).

Ambos os fundos possuem pastas e engobes inseridos no Grupo III, adquirindo grandes afinidades com a coleção de fundos estampados apresentada por Palol e Cortés para La Olmeda (1974). O nosso nº 2249 parece semelhante ao fundo nº 48, identificado numa T.S.H.T. 4 de La Olmeda, decorado por elementos circulares em espirais. Ao passo que o nº 1976, decorado por rosetas, possivelmente cruzadas por uma linha vertical, representa semelhanças com os fragmentos de fundo estampados presentes na pág. 69, talvez com o nº 92, também respeitantes à tipologia de La Olmeda. Embora sejam de forma indefinida, deveriam pertencer a fundos provenientes dos grandes pratos de TSHT, tal como acontece nas rosetas estampadas em pratos pertencentes a Conímbriga (Delgado, 1975, pl.LXXXIV ou pl. LXXXV). Este motivo, pode ser encontrado frequentemente nos pratos de *terra sigillata* africana, sendo bastante próximo do motivo nº 188 (Tav. LVIII, nº 70), apresentado em *Atlante* (Tortorella, 1981, p.129).



Quadro Descritivo X - Estampas V-IX

Nº de Inventário	Ano	Sector	U.E.	Forma	Nº de fragmentos	Fragmento	Diâmetro do bordo	Altura	Espessura da peça	Cor	Cor 2	Brilho	Espessura	Homogeneidade	Cronologia
2004	5	B	41	Ind.	1	bojo	-	-	5	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V
2040	5	B	41	Ind.	1	bojo	-	-	4	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V
2013	5	B	41	Ind.	1	bojo	-	-	5	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V
2022	5	B	41	Ind.	1	bojo	-	-	5	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V
2014	5	B	41	Ind.	1	bojo	-	-	5	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV-V
2015	5	B	41	Ind.	1	bojo	-	-	5	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V
2011	5	B	41	Ind.	1	bojo	-	-	5	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V
2009	5	B	41	Ind.	1	bojo	-	-	5	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V
2258	5	B	4	Ind.	1	bojo	-	-	5	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV-V
2313	5	B	41	Ind.	1	bojo	-	-	5	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V
1980	5	B	53	Ind.	5	bojo	-	-	5	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV-V
2039	5	B	41	Ind.	1	bojo	-	-	3	10R 5/8	-	-	-	-	IV-V
2021	5	B	41	Ind.	1	bojo	-	-	5	10R 5/8	2.5YR 2.5/1 ; 2.5YR 3/6	mate	espesso	ñ homogéneo	IV-V
670	4	B	2	Ind.	1	bojo	-	-	6	10R 5/8	2.5YR 2.5/1 ; 2.5YR 3/6	mate	espesso	ñ homogéneo	IV-V
2310	5	B	1	Ind.	1	bojo	-	-	6	10R 5/8	2.5YR 2.5/1 ; 2.5YR 3/6	mate	espesso	ñ homogéneo	IV-V
916	4	A	1	Ind.	1	bojo	-	-	5	10R 5/8	2.5YR 2.5/1 ; 2.5YR 3/6	mate	espesso	ñ homogéneo	IV-V
2008	5	B	47	Ind.	1	bojo	-	-	3	2.5YR 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	IV-V
2321	5	B	1	Ind.	1	bojo	-	-	4	2.5YR 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	IV-V
2553	5	B	3	Ind.	1	bojo	-	-	4	2.5YR 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	IV-V
655	4	B	2	Ind.	1	bojo	-	-	4	2.5YR 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	IV-V
2311	5	B	1	Ind.	1	bojo	-	-	4	2.5YR 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	IV-V
2315	5	B	1	Ind.	1	bojo	-	-	4	2.5YR 5/8	10R 4/8	mate	fina	homogéneo	IV-V
2317	5	B	1	Ind.	1	bojo	-	-	4	2.5YR 5/8	10R 4/8	espesso	espesso	homogéneo	IV-V
2320	5	B	1	Ind.	1	bojo	-	-	3	2.5YR 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	IV-V
2027	5	B	sup.	Ind.	1	bojo	-	-	5	10R 5/8	2.5YR 2.5/1	mate	espesso	ñ homogéneo	IV-V
1972	5	B	36	Ind.	1	bojo	-	-	4	10R 5/8	-	-	-	-	III-V
2330	5	B	36	Ind.	1	bojo	-	-	4	10R 5/8	-	-	-	-	III-V
2249	5	B	4(?)	Ind.	4	bojo/fundo	-	-	3	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	III-V
1976	5	B	37	Ind.	3	bojo/fundo	-	-	3	2.5YR 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	III-V
839	4	B	4	Ind.	1	bojo	-	-	5	10R 5/8	10R 5/8	mate	espesso	homogéneo	III-V
2217	5	B	2	Ind.	1	bojo	-	-	3	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV-V
1968	5	B	1	Ind.	1	bojo	-	-	3	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV-V
2255	5	B	4	Ind.	1	bojo	-	-	4	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V
2247	5	B	4	Ind.	1	bojo	-	-	4	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	homogéneo	IV-V
2325	5	B	1	Ind.	1	bojo	-	-	5	10R 5/8	10R 3/3	mate	espesso	ñ homogéneo	IV-V
2012	5	B	41	Ind.	4	bojo	-	-	7	10R 5/8	10R 3/3	mate	fino	ñ homogéneo	IV-V
2218	5	B	2	Ind.	1	bojo	-	-	5	2.5YR 5/8	2.5YR 4/8	mate	fino	ñ homogéneo	IV-V
2256	5	B	4	Ind.	1	bojo	-	-	3	10R 5/8	-	-	-	-	IV-V
2309	5	B	1	Ind.	2	bojo	-	-	3	2.5YR 6/6	-	-	-	-	IV-V
657	4	B	2	Ind.	1	bojo	-	-	4	2.5YR 5/8	10R 4/8	brilhante	espesso	homogéneo	IV-V
1978	5	B	37(?)	Ind.	1	bojo	-	-	5	2.5YR 5/8	-	-	-	-	III-V
1986	5	B	37	Ind.	1	bojo	-	-	4	10R 5/8	-	-	-	-	III-V d. C.
726	4	B	2	Ind.	1	bojo	-	-	3	5YR 7/8	-	-	-	-	IV-V
905	4	B	2	Ind.	1	bojo	-	-	3	10R 5/8	-	-	-	-	III-V
1322	5	B	1	Ind.	1	bojo	-	-	2	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV-V
720	5	A	1	Ind.	1	bojo	-	-	5	2.5YR 6/6	-	-	-	-	IV-V
2308	5	B	1	Ind.	2	bojo	-	-	3	2.5YR 6/6	-	-	-	-	IV-V
1985	5	B	53	Ind.	1	bojo	-	-	4	2.5YR 5/8	-	-	-	-	IV-V



4. Leitura Estratigráfica da *Terra Sigillata* Hispânica Tardia de Terronha de Pinhovelo.

O grosso do nosso conjunto foi identificado nos níveis arqueológicos inseridos no Sector B. De facto, do Sector A, apenas foi encontrado um indivíduo, relacionado com a forma Drag. 37 e por isso de cronologia longa, tendo aparecido em níveis ainda muito superficiais, unidade estratigráfica [2], pelo que nada pode ser acrescentado à estratigrafia desta área.

Curiosamente, ao observarmos o conjunto completo de *terra sigillata* de Terronha de Pinhovelo, verificámos que à excepção de algumas peças, a quase totalidade do conjunto de *terra sigillata* Alto Imperial, correspondia a esta zona. Foi no Sector B, que documentámos todas as formas de TSHT, estando nesta área bem documentado o período do Baixo-império. Se retirarmos a informação decorrente dos níveis superficiais, da camada [1] e [2], verificamos que após estes primeiros estratos superficiais se encontram outros, associados a derrubes com formas incluídas no séc.IV e V d.C. No entanto, estas realidades ainda não foram escavadas na sua totalidade pelo que se torna difícil compreender a sua função.

Um possível compartimento designado como Ambiente I, terá igualmente fornecido TSHT, nomeadamente numa das paredes que o delimitam, a U.E. [8], uma Palol 4, datada de finais do Império. Este será um momento de construção mais recente que aquele que foi definido para o Ambiente II, dado que assenta sobre o nível de ocupação deste último espaço (Mendes e tal, 2005, p.40).

Novamente associado a um derrube, surge no Ambiente II, a U.E. [5], do qual se destrinçou dois momentos de derrube, a U.E. [23] e a [21], onde surgem dois indivíduos de forma classificável como Drag. 15/17.

O alargamento do Sector B, tinha como funcionalidade a comprovação de uma possível linha de muralhas. Ora logo após a remoção despedrega, identificou-se uma acumulação pétreia envolta por um sedimento (u.e.[36]), no qual se identificou a forma Palol 4 e formas decoradas inseridas entre o séc. IV e V. No entanto, estes são ainda níveis muitos superficiais e pouco claros estratigraficamente, tendo-se também aqui identificado formas Alto Imperiais de fabrico Hispânico, nomeadamente a Drag. 35, a Drag. 37 e a forma 46. Após estas realidades e a este da parede [39], distinguiram-se as U.E. [37]; [47] e [53], depósitos de difícil distinção, agravada por processos de bioturbação. É precisamente destes depósitos que se conhece um maior número de TSHT.

Pelo exposto, observa-se que a quase totalidade dos fragmentos estudados resulta de níveis de abandono/destruição, derrubes ou depósitos ainda relativamente superficiais, frequentemente alterados por processos de bioturbação ou prática agrícola passada.

5. Discussão: A Interpretação do Conjunto de *Terra Sigillata* Hispânica Tardia de Terronha de Pinhovelo e o seu Significado nos Contextos da Antiguidade Tardia.

Este tipo de produção foi no Baixo Império um dos produtos hispânicos mais evidentes, consistindo num dos últimos indicadores cronológicos deste período. Apesar da sua importância, o estudo deste tipo cerâmico encontra-se ainda manifestamente atrasado quando comparado com as investigações de outros fabricos de *terra sigillata*, tornando não só necessários, mas também indispensáveis, quaisquer estudos que pretendam descodificar o seu passado.

Na verdade, a TSHT tem suscitado poucos trabalhos, sendo que, estes surgem frequentemente com afirmações pouco fundamentadas no que diz respeito à origem, técnicas de produção, tipologia e cronologia.

A imagem negativa que é associada à TSHT, advém da errónea leitura de dados por parte de alguns investigadores, que a sentenciam com estigmas de baixa representatividade ou fraca repercussão formal, concluindo, que teriam sido o reflexo degenerativo do Alto Império. Por outro lado, a falta de um “parentesco tipológico” claro fazia com que as restantes peças desta família fossem erradamente integradas nos fabricos de sigillaria africana, da Gália ou em cerâmica comum que reproduzisse as suas formas (Juan tovar, 1997, p. 557).



Este trabalho pretende não só retomar o debate em torno da TSHT como também sublinhar a sua importância para a compreensão dos sítios arqueológicos cronologicamente inseridos no Baixo Império. O comércio e o povoamento estão intimamente ligados e cada um esclarece o funcionamento do outro (“Los intercambios de bienes están en la base de todo proceso cultural, y como tal su conocimiento es imprescindible para entender el desarrollo o la evolución histórica de cualquier pueblo.” – Naveiro Lopez, 1995, p.8).

Sítios como Ammaia, Idanha ou Mileu consomem *terra sigillata* desde o início do Império até ao Baixo Império, onde encontramos as produções hispânicas tardias, com especial destaque para Ammaia, onde esta se fez sentir em maiores quantidades. Contudo, esta situação não foi homogênea, dado que a importação de TSHT nunca chega a atingir os valores observados pelas suas homónimas de produção Alto Imperial (Pereira, 2006, p. 136).

Nestes territórios é também assinalável a presença de *terra sigillata* africana, expressando o dinamismo destas produções que competem em mercados longínquos onde o pólo de influência seria determinado pela maior proximidade das produções hispânicas. Em sítios localizados mais a sul, a importação de *terra sigillata* africana, exclui por completo o consumo dos fabricos peninsulares neste contexto, como se verificou nomeadamente na grande generalidade dos sítios litorais, como Belo, de modelo “meridional e marítimo” (Bourgeois e Mayet, 1991, p.386).

Os nossos valores aproximam-se antes dos conhecidos para Conímbriga, um sítio que pela sua bem conhecida influência forneceu um grande manancial de material, entre os quais um abundante lote de materiais de fabrico hispânico tardio, personificando o modelo “continental e setentrional”, marcado pela importação praticamente relativa aos meios de comércio terrestre, distribuídos a partir de sítios como Mérida.

Em Santarém ou Represas, com ocupação tardia, a TSHT surge acompanhada pela importação de *terra sigillata* clara, no entanto, a representatividade destas produções é escassa quando comparada com as médias de consumo obtidas para as produções mais antigas (Viegas, 2003, p.297).

No Baixo Império, sítios como Idanha, Mileu, Monte Mozinho ou mesmo Petavonium expressam alguma regressão económica, pelo que, a análise das características de importação destes locais denuncia, uma fase de maior esplendor para o séc. I e II, pelo advento da *terra sigillata* hispânica Imperial, nomeadamente, na área de influência de *Tritium Magallum*. Se podemos entender a escassez das produções hispânicas tardias neste local por uma possível perda de influência devemos também compreender que a inclusão ou exclusão de TSHT nestes conjuntos pode estar condicionada à fiabilidade das amostras escolhidas ou mesmo à localização das áreas de escavação nos sítios investigados. A este respeito se dirige Teresa Carvalho quando refere que, “esta ausência não significa que Mozinho não tenha sido ocupada no sec. II, mas os habitantes ter-se-ão deslocado para o sopé do monte”, os poucos fragmentos de TSHT, são também encontrados nesta área, nomeadamente no Sector B, b, e Necrópole (1998, p. 88), uma zona mais baixa do povoado, menos estudada e bastante violada por acções antrópicas recentes.

A sua presença em sítios localizados no Sul peninsular, como acontece em Fronteira, ilustra também a extensão desta produção a domínios de difusão mais alargada, com um impacto relativamente significativo na economia destas villae (Carneiro e Sepúlveda, 2004, p.448). Por outro lado, sítios como São Cucufate demonstram escassez de representatividade nas produções de TSHT, situação claramente resultante do impacto do comércio mediterrânico nestes sítios (Alarcão; Étienne; Mayet, 1990, p.251).

O quadro enunciado para o território português, não pode no entanto esquecer que muitos dos casos apresentados carecem de informação relativa a este tipo de produção. Por outro lado, a diferença de povoamento entre os sítios apresentados, de rurais a urbanos, é bastante díspar da realidade vivenciada em Terronha de Pinhovelo, sendo que, os trabalhos arqueológicos executados em Terronha de Pinhovelo encontram-se ainda em fase muito introdutória de resultados, contando-se três intervenções no local (se incluirmos a escavação de carácter preventivo no plano de minimização de impactes do IP2). Na sua inserção espacial destacam-se também os vazios de investigação, numa área, que apenas recentemente se insere no debate arqueológico.



O elevado estado de deterioração das peças, com engobes mal conservados ou praticamente inexistentes na sua grande maioria, assim como a grande densidade de fragmentação do material em estudo acrescentou igualmente alguns dissabores à árdua tarefa de classificação tecnológica e tipológica.

Com efeito, a situação mais próxima da realidade inscrita no povoamento de Pinhovelo, deve ser lida em Valdeorras, uma área geograficamente próxima, que reflecte índices de consumo bastante similares com o sítio arqueológico que apresentamos. Em Valdeorras, é a TSHT que domina o conjunto das importações, mesmo quando comparada com outras produções do Império, representando 52% do conjunto (Menéndez Llorente, 2000, p.83).

O mesmo se passa em Terronha de Pinhovelo. A observação das características de consumo do conjunto de *terra sigillata* deste sítio arqueológico indica claramente que a TSHT domina o conjunto destas importações, representando igualmente o único elemento material datante no registo arqueológico desta fase.

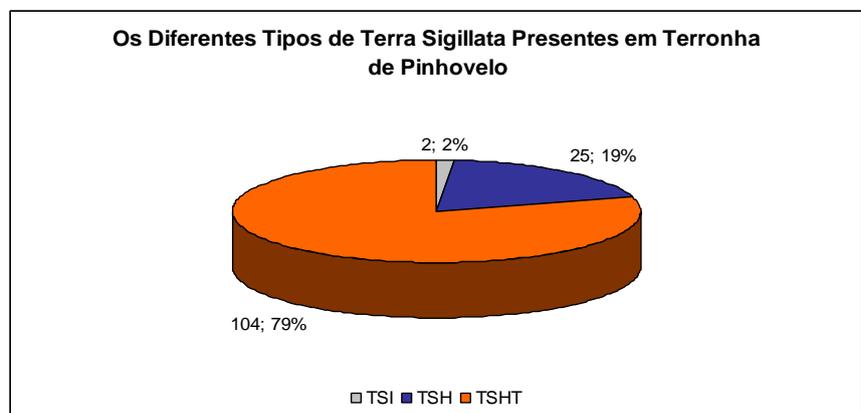
O período de maior dinamismo em Valdeorras é situado entre os sécs. IV-V d.C., sendo que o mesmo parece suceder em Terronha. No entanto, estamos cientes que este resultado poderá ser confirmado ou validado num futuro próximo com o decorrer dos trabalhos arqueológicos e sobretudo da escavação profundidade do Sector B.

Curiosamente, o grosso do nosso conjunto provém do sector B, sendo que a situação contrária acontece no Sector A. No sector A identificaram-se duas peças de produção itálica, dois bordos muito bem conservados de pratos. Um dos pratos (nº 2215) ostenta caneluras com decoração em *guilhoché* e um golfinho aplicado na parede externa, sendo respeitante à forma IX de Atlante, represenada na estampa CXVIII

(*Atlante*, 1985, p.383) ou à forma 21 de *Conspectus* (*Conspectus*, 1990, p.88). O outro (nº 1432) apresenta decoração em barbotina na superfície externa composta por uma dupla espiral, podendo corresponder à forma X de Atlante, variante nº 24 representada na estampa CXXI, nº1 (*Atlante*, 1985, p.384) ou à forma 20 da tipologia de *Conspectus* (*Conspectus*, 1990, p.86). Em *Conspectus* estas formas surgem associada à primeira metade do séc. I, sendo que em Atlante é referido o seu aparecimento desde 10 a.C. a meados do II. A identificação destas formas indica que, contrariamente ao que vinha sendo pensado até agora, a presença romana é mais antiga neste sítio arqueológico.

A presença de *terra sigillata* itálica é residual, no entanto, poderíamos estar perante a situação ocorrida em Monte Mozinho, “uma população ainda pouco romanizada, que utilizava objectos de tipologia e fabrico castrejo, já consumidora de *sigillata* itálica, pelo menos, numa parte da população que habitava fundamentalmente os sectores a, d, g e certas zonas do D” (Carvalho, 1998, p.180).

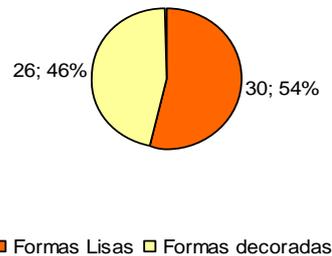
No Sector A, inclui-se igualmente um conjunto de, constituído exclusivamente por *terra sigillata* hispânica unicamente proveniente de *Tritium Magallum* (para tal remetemos para a **Estampa XII**), genericamente situado entre a segunda metade do séc. I aos finais do séc. II d.C., podendo prolongar-se até ao III d.C (Mezquíriz, 1985, p. 157). Esta cronologia é indicada por formas como a Forma 46 ou Ludowici TB (nº 2346 e nº 2016); Drag. 24/25 (nº 2228); Drag. 35 (nº2223), Drag. 18 (nº2216) e 3 bojos decorados de pequenas dimensões com motivos vegetalistas frequentes no centro oleiro de *Tritium Magallum* (nº 2223; 2347 e o nº 37). O restante conjunto de produção hispânica alto imperial diz respeito a bordos diminutos que podem corresponder a distintas formas, sendo igualmente visível a adulteração de um bojo com indícios de decoração como marca de jogo.





A escassez de exemplares de terra sigillata de cronologia tardia no Sector A, contraria a tendência verificada no Sector B. Esta área, correspondente ao suposto núcleo do povoado, abarcou grosso dos materiais de TSHT do nosso conjunto. Podemos observar estas produções nas formas Ritt. 8; Drag. 35; Drag. 15/17; Hisp. 5; Palol 9/11; Hisp. 83; Hisp. 7; Palol 4 e nas formas decoradas a presença unitária da Drag. 37, o que

Percentagem entre as formas lisas e as formas decoradas



demonstra que a ocupação ocorrida no Sector A e no Sector B, não pode ser contemporânea entre si. Estas, podem talvez ser enquadradas, na proposta que Helena Barranhão e João Tereso indicam, ao referirem que a contemporaneidade entre estes dois sectores deve ser lida apenas na fase romana mais antiga, e por isso correspondente ao Alto Império, após a qual se poderia ter procedido a uma retracção da área ocupada, à semelhança do que havia já sido indicado para Monte Mozinho, e assim justificando a discrepância entre o faseamento material entre um sector A e o Sector B de Terronha de Pinhovelo (Barranhão; Tereso, 2006, p.25).

Outro facto que podemos descortinar a partir da análise dos 104 indivíduos de TSHT presentes no nosso conjunto é o do aparente conservadorismo de formas importadas entre o Alto e o Baixo Império. De facto, verifica-se a continuidade de importação de taças, do tipo 24/25, que parece ter influenciado a produção da Palol 9/11, assim como a importação da Drag. 35, da tigela Drag. 37 e do prato 15/17, também parece ter tido herança nas formas homónimas do Alto Império, igualmente importadas para Terronha de Pinhovelo. Estes dados são contrários ao que se tem verificado para outros sítios, em que a presença maioritária de pratos, com formas possivelmente influenciadas pelas produções africanas, não se verifica em Terronha de Pinhovelo, onde o seu carácter marcadamente interior terá determinado a subsistência de um ambiente típico de consumo, com elevado conservadorismo de importação.

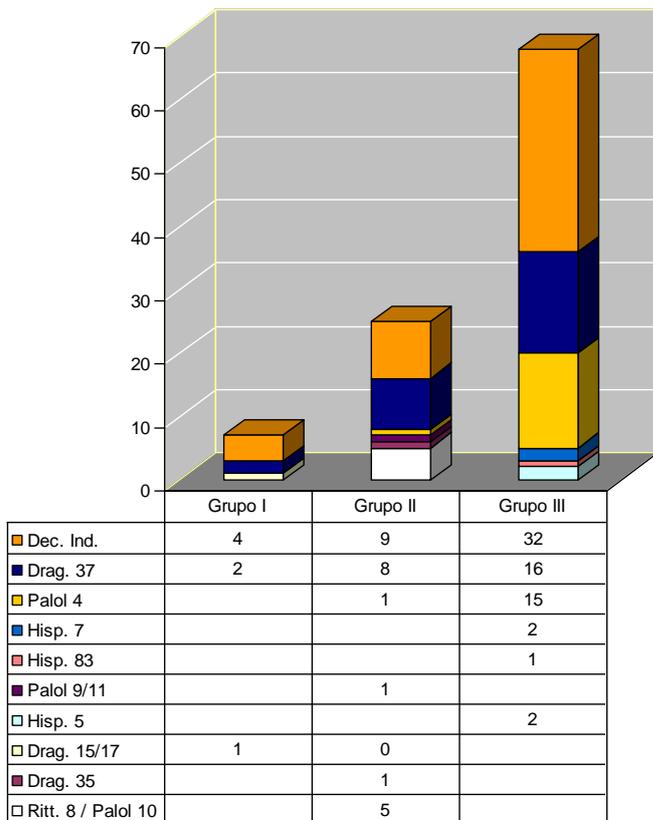
Por outro lado, as formas de herança Alto Imperial, parecem encontrar alguma antiguidade em relação às restantes, de morfologias que poderão indicar as inovações recebidas pela influência do comércio africano, nomeadamente, a forma 83 e Palol 4, assim como os fundos com decoração estampada.

A sobressair deste conjunto destaca-se ainda a abundância de TSHT decorada, exclusivamente representada pela forma Drag. 37t. A decoração a molde, uma herança recebida das técnicas alto imperiais, encontra-se igualmente bem documentada nos sítios com cronologia tardia, sendo que, o seu aparecimento se dá na maior parte dos casos através da forma Drag. 37t.

O estudo destas morfologias parece reiterar a ideia de continuidade entre a *terra sigillata* hispânica alto imperial e a sua homónima de época tardia. As alterações observadas neste tipo de cerâmica, devem ser entendidas como um fenómeno de ajuste às novas imposições comerciais trazidas pela afluência massiva de novos produtos aos mercados hispânicos. Por outro lado, esta cerâmica irá também sofrer as adaptações necessárias ao contexto sócio-cultural do período em que se insere.



Relação entre as formas e os grupos de fabrico estabelecidos



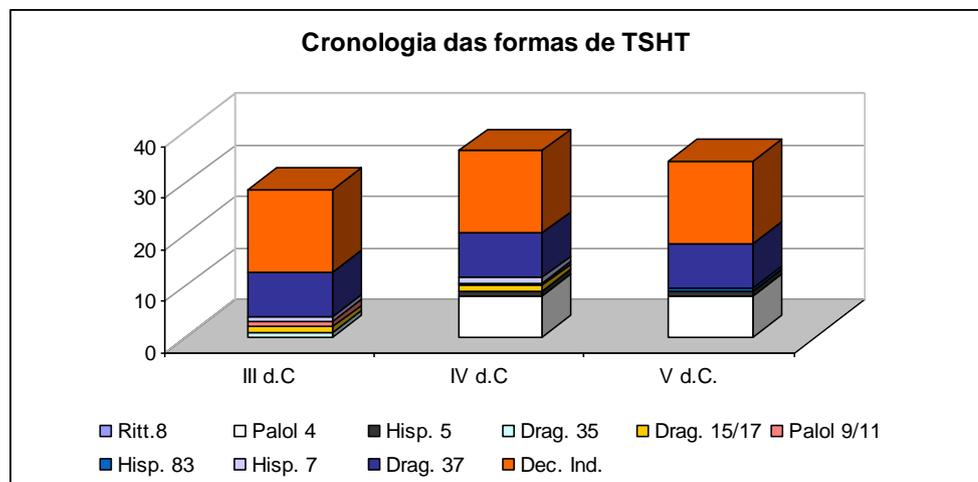
A análise dos nossos fabricos foi realizada macroscopicamente, sendo sempre precária a sua relação com outros conjuntos em que efectuadas com outros meios. Temos presente esta limitação, no entanto, estamos possivelmente perante pastas e engobes proveniente da área de produção localizada na bacia do Douro de tonalidades bastante alaranjadas (Grupo III).

A fraca homogeneidade do conjunto salienta igualmente as condições do fabrico de TSHT. Com efeito, podemos apenas detectar finidades com as grandes áreas de produção conhecidas para esta cerâmica, porém, o resultado deste tipo de produção encontra-se disperso por pequenas olarias e não em grandes centros oleiros como em época Alto Imperial.

Com base nos dados recolhidos através do estudo a *terra sigillata* de Terronha de Pinhovel poderíamos descrever o

povoamento romano de Terronha de Pinhovel da seguinte forma. A chegada de contingentes romanos a esta área poderia ser integrada no decorrer do séc. I a.C., datação obtida através dos dois exemplares de *terra sigillata* Itálica, sendo que o consumo das produções hispânicas se teria desencadeado com a implantação definitiva dos hábitos comerciais romanos no modo de vida desta população. A escassez de materiais de relativos ao Alto Império não deve então ser lida como pobreza demográfica, mas antes como um resultado decorrente da estratégia da intervenção arqueológica no sítio de Terronha de Pinhovel, pelo que pensamos que no decorrer da escavação em profundidade possamos observar o aumento significativo das produções itálicas e hispânicas alto imperias.

A expressividade do conjunto de TSHT recolhido no Sector B poderia indicar uma maior dinâmica do povoado no Baixo Império, nomeadamente entre os sécs. III e V d.C, com especial concentração no séc. IV d.C. No entanto, o conjunto analisado deve ser lido em conjugação com os dados obtidos pelo registo



arqueológico, ou seja, a representatividade de TSHT encontra-se concentrada no Sector B, ao passo que Sector A se observa a sua quase completa inexistência. Assim sendo, ao povoamento ocorrido em época Alto Imperial, poder-se-iam seguir duas realidades em época tardia: uma retracção da área habitada, ou pelo



menos, uma estratégia de ocupação do terreno díspar da de época precedente. O esclarecimento destes dados pode ser esclarecido com o decorrer dos trabalhos de escavação em profundidade e com o conhecimento completo do faseamento em época romana.

Por fim, a representatividade deste conjunto e a continuidade de importação das produções hispânicas indica também a perduração das rotas, essencialmente terrestres, já existentes em período precedente. Este facto afasta assim a ideia de instabilidade vivida neste período, testemunhada pela vitalidade de alguns sítios em detrimento de outros, principalmente no que concerne ao povoamento rural ou interior.

O sítio arqueológico de Terronha de Pinhovel abrange o importante núcleo étnico pré-romano dos *Zoelae*, inseridos entre os *Ástures Augustani* do *conventus* de *Asturica* (Lemos, 1995, p.302). A realidade documentada na epigrafia, escultura e arqueologia indica que “as mudanças não parecem ter asfixiado a identidade dos povos pré-romanos” (Lemos, 1993, p.513).

De facto, tudo indica que a conquista do território respeitou as preexistências indígenas, a frequência de divindades indígenas adoradas por estas comunidades, a perduração de *gentilitates* e da onomástica de tradição paleo-hispânica indicia a manutenção de uma identidade própria dentro do quadro da romanização. Neste sentido, podemos entender que o impacto romano nesta cultura preexistente se efectuou sobretudo no domínio económico, numa política centrada na policultura, no aproveitamento da mineração, numa nova estrutura agro-pecuária, e na diversificação do povoamento, povoamento esse especialmente estruturado para o aproveitamento dos recursos existentes e na produção de excedentes que permitissem um correcto enquadramento no sistema de comercialização romano (Lemos, 1995, p. 302-303).

Aliás, é de salientar, que o próprio carácter acentuadamente rural existente nesta área geográfica concordaria com o ideal de vida romano. Este aspecto, não determina um carácter periférico ao espaço aqui englobado, dado que, a manutenção das rotas comerciais entre o Alto Império e o Baixo-império é documentada através da presença de cerâmica importada, tal como nos é demonstrado com o estudo da *terra sigillata* de Terronha de Pinhovel, o que contraria, em nosso entender, a ideia de uma *finisterrae* fechada sobre si própria ou do suposto isolamento das áreas interiores.

Este comércio far-se-ia por via terrestre, parecendo-nos viável a utilização da via que unia Caesaraugusta a Asturica, após a qual canais secundários de distribuição se responsabilizariam pela chegada deste produto.

Posto isto, fica assim inequivocamente demonstrada a presença romana no sítio de Terronha de Pinhovel, num estudo que muito modestamente pretendeu reconhecer a importância desta produção de *terra sigillata* para a compreensão do povoamento destes complexos sítios do nordeste peninsular.



6. Bibliografia:

- AAVV (1983) – Monografia: T.S.H. *Terra Sigillata Hispanica*. Boletín del Museo Arqueológico Nacional. Madrid: Ministerio de Cultura.
- ABÁSCOLO, J.; CORTES, MARCOS, J. (2004)– *Los recipientes de vidrio de las Necrópolis de La Olmeda*. Salamanca.
- ALARCÃO, A. (1971) - «Terra Sigillata» do Museu Machado de Castro. in *Conimbriga*, vol. X, p.1-34.
- ALARCÃO, A.; ALARCÃO, J. dir. (1975) – A propos des céramiques de Conimbriga. Table Ronde tenue à Conimbriga les 25-27 mars 1975. *Conimbriga*. Coimbra. 14, p.5-165.
- ALARCÃO, J. (1976) – Verres, Livre III, In ALARCÃO, J.; DELGADO, M.; ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1976) – Céramiques Diverses et Verres. *Fuilles de Conimbriga*, vol. VI.Paris.
- ALARCÃO, J. (1988a) – *O Domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Mem Martins. Europa América (Fórum História).
- ALARCÃO, J. (1988b) – *Roman Portugal*. Londres: Warminster. Aris & Philips, vol. 2, fasc. I. Porto, Bragança e Viseu.
- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1990) – *Les villas romaines de São Cucufate* (Portugal). Paris: De Boccard.
- AMARO, C. (1995) – *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*. Fundação Banco Comercial Português. Lisboa.
- ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M., DIR. (1998) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table ronde du Centre archéologique européen du Mont Beauvray (Glux-en-Glenne, 7-9 avril 1998)*. Bibracte. 2.
- BARRANHÃO, H.; TERESO, J. (2006) – A Terronha de Pinhovel na civitas zoelarum: primeira síntese. *Cadernos Terras Quentes*, nº3.
- BAZZANA, A. (1979) – *Ceramiques Medievales: les methodes de la description analytique appliquées aux productions de l’Espagne Orientale*. Paris: Boccard.
- BELTRÁN, M. (1990) – *Guia de la cerámica romana*. Zaragoza: Pórtico.
- BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991) – *Les sigillées*. Fouilles de Belo. VI. Pris: Publ. De la Casa de Velásquez. 14.
- BUXEDA I GARRIGÓS, J.; TUTSET I BERTRAN, F. (1995) – Revisió crítica de les bases cronològiques de la terra sigillata hispànica. *Pyrenae*, nº26, p. 171-188.
- CARNEIRO, A.; SEPÚLVEDA, E. (2004) – *Terra sigillata* hispànica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 2, nº2, p. 435-458.
- CARRETERO VAQUERO, S. (2000) – El campamento romano del Ala II Flavia en Rosinos de Vidriales (Zamora): La Cerámica. Zamora.
- CORTEZ, F. (1951) – Da “Terra Sigillata” Tardia Encontrada em Portugal. *Beira Alta* (separata). Viseu.
- CARVALHO, T. (1998) – A Terra Sigillata de Monte Mozinho (Contributo para a história económica do povoado). Dissertação apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1993 para a obtenção



do Grau de Mestre em Arqueologia. *Cadernos do Museu*. 3. (Homagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida – II). Penafiel: Museu Municipal.

CARVALHO, T. (2002) – Monte Mozinho: A *Terra Sigillata* recuperada do sector B. *Portugalia*. Penafiel. Nova Série. 23, p.117-154.

DIAS, L. (1995-97) – Terra Sigillata da *villa* romana de Povos (Vila Franca de Xira). *CIRA*. Vila Franca de Xira. 7, p.13-24.

DELGADO, M. (1975) – Une sigillée tardive régionale. In ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R. – *Fuilles de Conimbriga*. Paris: Diffusion E.. de Boccard. IV.p.317-335.

DIOGO, A. M. D. (1982) – Sigillata Hispânica Tardia de Nespereira (Beira Alta). Contribuição para uma carta de distribuição. *Beira Alta*, vol. XLI, fasc. 1.

ETTLINGER, E. (1990) – *Conspectus formarum Terrae Sigillatae Italico modo confectae*. Römisch-Germanische Kommission des Deutschen Archäologischen Instituts. Frankfurt; 10.

GARCÍA MARTÍNEZ, S. (1999) – Los zoelae: sociedad y antroponímia. *Brigantia*, vol.XIX, nº1/2, p. 17-36.

GOMES, L.; CARVALHO, P.; FRANCISCO, J.; BOTELHO, I. (1997) – Assentamento romano fortificado da Terronha (Macedo de Cavaleiros/Bragança). *Em Busca do Passado 1994/1997*. Lisboa: Junta Autónoma das Estradas.

GOMES, S.; MACEDO, M., BRAZUNA, S. (2000) – Apresentação dos Trabalhos Arqueológicos de 1997 na Villa de Santa Vitória do Ameixial. *era*, nº1, p.54-57.

HAYES, J. W. (1972) – Late Roman pottery. London: The British School at Rome.

JEREZ LINDE, J. M. (2003) – Terra sigillata hispánica tardía. In ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.M.; NOGALES BASARRATE, T. – *Forum Coloniae Augustae Emeritae. “Templo de Diana”*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.

JUAN TOVAR, L. C. (1997) – Las industrias cerámicas hispanas en el Bajo Imperio. Hacia una sistematización de la Sigillata Hispánica Tradía. *Congreso Internacional La Hispania de Teodosio*, vol. 2, p.543-568.

JUAN TOVAR, L. C. (2000) – La terra sigillata de Quintanilla de la Cueva. In GARCÍA GUINEA, M. A. – *La villa romana de Quintanilla de la Cueva (Palencia), Memoria de las excavaciones 1970-1981*. Palencia: Diputación Provincial, p.45-123.

LEMOS, F. (1993) – O Povoamento Romano em Trás-os-montes Oriental. Braga (Tese de Doutoramento em Pré-História e História da Antiguidade, Universidade do Minho).

LEMOS, F. (1995) – *Zoelae e a civitas Zoelarum*: uma unidade étnica no quadro da romanização do Noroeste. In Jorge, V. O. Coord. 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. (Porto 12-18 Outubro de 1993): Actas, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, vol. 35, p. 295-310.

LOPES, M. C. (1991) – A sigillata de Represas (Coleção F. Nunes Ribeiro). Tratamento informático. Coimbra: Instituto de Arqueologia.

LÓPEZ PÉREZ, M. C. (2004) – El Comercio de Terra Sigillata en la Provincia de A Coruña. Museo Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón. A Coruña. *Brigantium*, vol. 16.

LÓPEZ RODRÍGUEZ, J. (1985) – *Terra sigillata hispánica tardia decorada a molde de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad.



- LOPO, A. (1987) – *Apontamentos Arqueológicos*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- MAYET, F. (1983-1984) – *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire romain*. Paris: E. de Boccard.
- MENDES, C.; TERESO, J.; MIGUEL, L.; BARRANHÃO, H. (2005) – Relatório de Progresso dos Trabalhos Arqueológicos. 2ª Campanha.
- MENDES, C. (Coord.) (2005) – Carta Arqueológica do Concelho de Macedo de Cavaleiros. Campanha 1/2004. Cadernos “Terras Quentes”, 2, Edições ATQ/CMMC, p.91-98.
- MENÉNDEZ LLORENTE, A. (2000) – *La comarca de Valdeorras en época romana: la cerámica sigillata*. Obarco (Ourense): Peymar artes graficas.
- MEZQUÍRIZ, M. (1961) – *Terra Sigillata Hispánica*. Tomo I e II. The William I. Bryant Foundation. Valencia.
- MEZQUÍRIZ, M. (1985) – Terra Sigillata Hispánica. In *Atlante delle forme ceramiche. II. Cerámica Fina nel Bacino Mediterraneo (Tardo Ellenismo e Primo Impero)*. Roma, p.97-174.
- MORAIS, R. (2005) – Produção e Comércio de Cerâmicas em Bracara Augusta. In FERNÁNDEZ OCHOA, C.; GARCÍA DIAZ, P. - *Unidad y diversidad en el Arco Atlántico en época romana. III coloquio Internacional de Arqueología en Gijón*. Gijón, p. 125-138.
- NAVEIRO LÓPEZ, J. L. (1991) – *El comercio antiguo en el NW Penínsular, Lectura histórica del registro arqueológico. useo Arqueológico*. 5. La Coruña (Monografias Urxentes do Museu).
- NETO, J. (1975) – *O Leste do Território Bracarense*. Torres Vedras: A União.
- NOLEN, J. (1994) – *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares*. Balsa. Lisboa: IPM.
- PALOL, P.; CORTÉS, J. (1974) – *La villa romana de La Olmeda, Pedrosa de la Vega (Palencia). Excavaciones de 1969 y 1970*. Madrid: Ministerio e Cultura (Acta Arqueológica Hispánica; 7).
- PAZ PERALTA, J. (1991) – *Cerámica de mesa romana de los siglos III al VI d.C. en la provincia de Zaragoza*. Zaragoza: Instituto Fernando el Católico.
- PEREIRA, V. (2006) – *Terra Sigillata em três locais da Lusitânia: Ammaia, Idanha, Mileu*. Dissertação apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2006 para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia.
- PÉREZ RODRÍGUEZ, F.; GARCÍA ROZAS, M. (1989) – Nuevos datos acerca de la producción de Terra Sigillata hispanica tardia. *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología*. Valladolid. 55, p.169-191.
- PICON, M. (1984) – Recherches sur les compositions des sigillés hispaniques. Techniques de Fabrication et Groupes de Production. In MAYET, F. (1983-1984) – *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire romain*. Paris: E. de Boccard. Apendice I, p. 303-329.
- PICON, M. (2002) – Les modes de cuisson, les pâtes et les vernis de la Graufesenque: une mise au point. In GENIN, M.; VERNHET, A. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches. Hommage à Bettina Hoffman* (Archéologie et Histoire romaine: 7) Montagnac: Ed. Monique Mergoïl, p. 139-163.
- QUARESMA, C. (1999) – *Terra Sigillata Africana, Hispânica, Foceense Tardia e cerâmica de cozinha de Miróbriga (Santiago do Cacém)*. *Conimbriga*. Coimbra. 38, p.137-200.



REDENTOR, A. (2002) – Epigrafia Romana da região de Bragança, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, Trabalhos de Arqueologia; 24.

RIGOIR, Y.; RIVET, L. (1994) – De la représentation graphique des sigillées. Société d'Étude de la Céramique Antique en Gaule. Marseille.

ROCA, M.; FERNÁNDEZ, M. I., Coords., (1999) – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones alto altoimperiales, Homenaje a M. Ángeles Mezquíriz*. Jaén e Málaga: Universidad de Jaén/ Universidad de Málaga.

ROMERO CARNICERO, M. V. (1985) – Numania I. *La Terra Sigillata*. Excavaciones Arqueológicas en España. Ministerio de Cultura.

RÜTTI, B. (1991) – Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst. Museen und Archäologie des Kantons Basel-Landschaft.

SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E.; SOUSA, V. (2003) – Ceramicas finas romanas do Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras). II: *a terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6: 1. p.299-321.

SILVA, A. (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins e Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

SOUSA, É. (1992) – Terra Sigillata Hispánica Tardia da *Villa* de Santo André de Almoçageme (Colares Sintra). *Artefactos*. Lisboa. 1. p. 16-21.

TUSET I BERTRAN, F.; BUXEDA I GARRIGÓS, J. (1995) – La ceramica terra sigillata hispanica avanzada (TSHA) de Clunia: segunda mitad del II – S. III d.C. In Jorge, V. O. Coord. 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. (Porto 12-18 Outubro de 1993): Actas, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, vol. 35, p.355-368.

VIEGAS, C. (2002) – A terra sigillata da *Alcáçova de Santarém*. *Cerâmica, economia e comércio*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Trabalhos de Arqueologia; 26.

Fotografias de TSHT



Fig.1 – Ritt. 8 (nº 1982).



Fig.2 – Ritt. 8 (nº 2030).

Fig.3 – Drag.37 (n



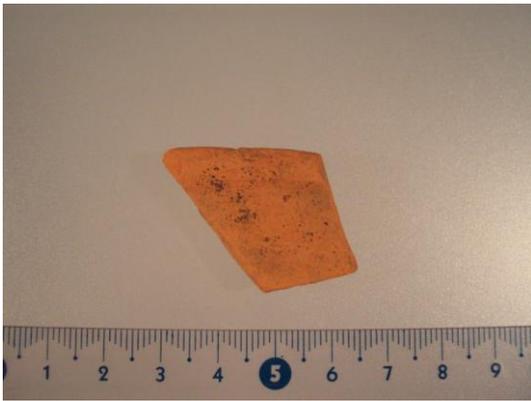


Fig.5 – Drag.47 (n° 2314).



Fig.7 – Drag.37 (n° 653).



Fig.8 – Hisp.5 (n° 426).



Fig.9 – Hisp.7 (n° 1949).



Fig.10 – Palol 9/11 (n° 1946).



Fig.11 – Drag. 35 (n° 2306).



Fig.12 – Palol 4 (n° 789).



Fig.13 – Palol 4 (n° 2056).



Fig.14 – Palol 4 (n° 2057).



Fig.15 – Palol 4 (n° 2240).



Fig.16 – Drag.37 (n° 1963).



Fig.17 – Drag.37 (n° 1967).



Fig.18 – Drag.15/17 (n° 2029).



Fig. 19 – Fotografia da *Terra Sigillata* Itálica (nº 1 e 2) e da *Terra Sigillata* Hispânica (nº 3-10), identificada em Terronha de Pinhovel.